

Ministério da Educação e Cultura

Universidade Federal de Pelotas

Centro de Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais



**Agrupamentos contemporâneos: xilogravura e montagem**

Carla Rosane dos Santos Vieira

Pelotas, 2012

## **Agrupamentos Contemporâneos: xilogravura e metáfora**

Carla Rosane dos Santos Vieira

Trabalho acadêmico apresentado ao  
Programa de Pós-graduação em  
Artes Visuais da Universidade Federal  
de Pelotas como requisito parcial à  
obtenção do título da Especialização  
em Percursos Poéticos.

Orientador: Prof. João Carlos  
Machado

PELOTAS, 2012

Banca Examinadora:

Prof. Me. João Carlos Machado (orientador)

Prof. Dra. Adriane Hernandez

Prof.Dra. Maristani Polidori Zamperetti

### Dedicatória

Dedico este texto á minha mãe (in memorian),  
Ao meu irmão Cláudio e à minha família e amigos pela  
presença constante em minha vida.  
Aos que me deram os recursos para a realização deste  
sonho, professores do nosso cursinho pré-vestibular,  
amigos de hoje.

## Agradecimentos

À vida que me oportunizou mais este crescimento.

A minha mãe, por ser presença constante e fonte de inesgotável força.

Ao meu irmão por estar sempre ao meu lado.

A todos os amigos reais e virtuais, que direta ou indiretamente contribuíram para a elaboração deste trabalho e tiveram toda a paciência e o carinho neste período tão intenso de minha vida.

A meu orientador João Carlos Machado e às professoras Adriane Hernandez e Maristani Polidori Zamperetti por suas contribuições.

## Lista de pranchas

Prancha 1	Imagem utilizada para representar ambientes interativos	p. 6
Prancha 2	Coleta de imagem	p. 11
Prancha 3	Seleção de imagens	p. 12
Prancha 4	Adaptação da foto para “desenho”	p. 13
Prancha 5	montagem	p. 14
Prancha 6	Transferência para matriz	p. 16
Prancha 7	Incisão	p. 16
Prancha 8	Frevo	p. 20
Prancha 9	Ouve-se o Mar	p. 27
Prancha 10	Tradição	p. 31
Prancha 11	Chula 1	p. 34
Prancha 12	Chula 2	p. 36
Prancha 13	Grupos Afetivos	p. 38
Prancha 14	Casal com o cavalo	p. 40
Prancha 15	Muitos “eu’s”	p. 43
Prancha 16	Meditação	p. 46
Prancha 17	Figura 01	p. 47
	Figura 02	p. 47
Prancha 18	Peregrinação	p. 52
Prancha 19	Terceira Idade	p. 56
Prancha 20	Figura 01	p. 60
	Figura 02	p. 60

Prancha 21	Figura 01	p. 62
	Figura 02	p. 62
Prancha 22	Figura 01	p. 62
	Figura 02	p. 62
	Figura 03	p. 62
Prancha 23		p. 74
Prancha 24	Figura 01	p. 80
	Figura 02	p. 80
Prancha 25	Figura 01	p. 82
	Figura 02	p. 82
Prancha 26	Figura 01	p. 83
	Figura 02	p. 83
Prancha 27	Figura 01	p. 85
	Figura 02	p. 85
Prancha 28	Figura 01	p. 86
	Figura 02	p. 86
Prancha 29	Figura 01	p. 89
	Figura 02	p. 89
Prancha 30	Figura 01	p. 90
	Figura 02	p. 90
Prancha 31	Figura 01	p. 91
	Figura 02	p. 91
	Figura 03	p. 91

Prancha 32	Figura 01	p. 92
	Figura 02	p. 92
Prancha 33		p. 94
Prancha 34	Figura 01	p. 102
	Figura 02	p. 102
Prancha 35		p.103



## Sumário

Lista de pranchas	vi
Resumo	Xi
Fragmentos de um processo	p. 01
1- Da procura pelo ambiente	p. 05
1.1- Da construção das gravuras, suas características e descrições	p. 10
2- Das imagens que habitam minha mente (O acervo, a coleta e as escolhas)	p. 57
2.1 - A Construção constante de um acervo particular	p. 57
2.2 - As imagens que habitam minha mente	p. 58
2.3 - Das imagens encontradas	p. 79
2.4 - Das imagens que usei	p. 89
2.5- Da análise e do conceito	p. 93
2.6 - Das escolhas que fiz	p. 100

Do caminho percorrido	p. 104
Referências	p. 107
Anexos	p. 108

## RESUMO

A pesquisa apresentada sob o título *AGRUPAMENTOS CONTEMPORÂNEOS: XILOGRAVURA E MONTAGEM* procura abordar a construção de um conjunto de trabalhos práticos realizados no período de março de 2011 à maio de 2012 com a técnica da xilogravura. O fio condutor para a análise destas imagens é o conceito da metáfora. Como objetivos desta pesquisa têm-se a montagem de figuras num mesmo plano; reflexões acerca do processo, do meu ato de criar neste momento, sem ter a intenção de inventar roteiros e histórias definidas, fechadas para as representações que são apresentadas neste texto e permitindo que se comportem mais como uma ilustração, de caráter mais lúdico explorando ainda mais as possibilidades da técnica através da linha sulcada na matriz.

Palavras-chave: Xilogravura. Processo. Metáfora.

Representação.

## **Fragmentos de um processo**

Pensar minha rotina diária... Meu ritual cotidiano... Em realidade, pensar em 'nossa' rotina atual e em como o dia-a-dia é alterado por este mundo mediado pela alta tecnologia. Perceber como os fragmentos do mundo reorganizados são expressão em meus trabalhos atuais em xilogravura. Pensar nas relações possíveis com o mundo visível, o mundo dos cinco sentidos. Pensar a técnica e a imagem. A linguagem e o roteiro para a realização de colagens. Ligações que não podem ser esquecidas. Relações fundamentais para relacionar a arte à vida. Vida e arte. Pensar em como esta nova montagem se conforma no plano. Pensar em como as cenas foram se construindo em minha mente. Estas relações estão todas interligadas no conceito utilizado na busca por imagens apropriadas na confecção destas representações. Esta é uma relação de sentido figurado.

Pensar tudo isto foi o que me reportou aos agrupamentos de Maffesoli (2010, p. 01) quando ele fala das tribos pós-modernas, grupos pontuais que se formam por períodos e situações específicas como shows, eventos religiosos, filosóficos, etc. Acontecimentos passageiros que fazem e se desfazem a cada minuto. Como forma de inspiração, sempre “me alimentei” na literatura pelos hábitos e falas do ser humano e sua forma de interagir. Assim percebendo como pessoa que faz parte deste contexto e

sendo contaminada aos poucos por esta nova maneira digital de interagir, sem por vezes nem conhecer presencialmente aquele ‘amigo’ que está conectado do outro lado, observei como as pessoas estão se aproximando e gerando comunidades novas. Em princípio era do que eu pretendia tratar, apenas das interações humanas mediadas pelo computador. Foi o início, o estopim para gerar as gravuras do anteprojeto de pesquisa para a Especialização em Artes Visuais. Aliado a tudo isto me veio à mente a lembrança de como no mundo não há mais uma só função ou um foco de atuação único como em tempos remotos da nossa história. Hoje se tem uma forma de interatuar quase em tempo real proporcionado pelas mídias que nos impulsionam a determinadas formas de agir dando origem a novos costumes. É em relação a eles que acreditei poder abordar uma temática humana constituída por grupos. Da reunião para determinados acontecimentos temporários, cíclicos, etc.. Portanto, das consequências desta interferência mediada e não da mediação em si, nem da cena, mas da criação de uma cena-ambiente de navegação na internet. Compreendi que a forma mais adequada seria uma abordagem pelo processo, uma reflexão sobre a forma de escolha para relacionar as imagens. Isto será percebido e relatado o longo da produção deste texto. Esta necessidade de conduzir a presente pesquisa olhando e relatando sobre as imagens que são a matéria-prima deste processo de criação, tendo como resultado a impressão de uma matriz de xilogravura, aconteceu enquanto lia o artigo de uma colega

que apresentou seu trabalho no Seminário de História da Arte na UFPel, em 2011<sup>1</sup>, no primeiro semestre deste mesmo ano. Sua pesquisa tratava da poética de seu trabalho em escultura. Pensei, neste momento, no cuidado e nas ações artesanais que apresentam e me voltei ao meu próprio processo de construção destas representações.

Procurei trazer para o texto escrito um círculo de informações que se agregam ao repertório mental e me motivam a gerar novas gravuras. Entram neste meio a literatura de ficção estando eu tanto na condição de expectadora quanto na daquela que produz a narrativa; o cinema, a televisão e o vídeo, os quais carregam um formato de imaginário (cultural) junto ao indivíduo. A música é outro meio capaz de nos transportar a tantos lugares num espaço-tempo.

Todos estes cruzamentos entrando em contato com as nossas vivências e com o mundo que nos cerca, geram novos universos visuais, somente nossos.

A partir daí dividi o trabalho em partes que conduzem o leitor a formação deste imaginário de criação tanto no campo mental quanto na

---

<sup>1</sup> Edi Behling, X Seminário de História da Arte - Arte e artesanato: uma poética da trama. 2011.

transferência destas imagens para o plano da madeira e logo em seguida impressas num suporte, o papel.

*DA PROCURA PELO AMBIENTE* situa o leitor nesta minha busca por um imaginário. É neste momento que descrevo o conjunto de 10 xilogravuras que compõem este universo de criação. Estão presentes algumas resoluções quanto ao gesto exercido sobre a matriz de MDF, assim como, a opção da montagem e das linhas sulcadas para construção do ambiente onde as figuras são arranjadas.

*DAS IMAGENS QUE HABITAM MINHA MENTE* traz uma pequena quantidade de imagens selecionadas no banco de dados pessoal onde foi feita uma breve análise relacionada ao imaginário que povoa a minha mente quando da construção de novos projetos com a técnica artesanal da gravura em madeira. Algumas destas imagens são utilizadas enquanto outras servem apenas como exemplo de opções motivadoras do processo de coleta. O capítulo está subdividido em 4 breves análises.

E enfim faço uma ultima análise que reúne os dois processos pelo o qual me permiti, ou seja, o textual e o da prática em breve comentário do *CAMINHO PERCORRIDO*.

## 1 - Da procura pelo ambiente

Para o trabalho atual eu me senti incentivada por esta diferença que se interpõe na conversa mediada por computador em relação ao contato presencial entre as pessoas. Veículo interessante, pois podemos conversar com pessoas de fora do país e fazer grandes amizades e contatos profissionais ou manter os já existentes fisicamente sem qualquer deslocamento geográfico. Comecei querendo falar desta *vizinhança* nas janelas do Windows Live Messenger dentro de nosso cotidiano, partindo de minha própria experiência e na caminhada acabou se ampliando e chegou aos tantos outros segmentos que encontramos por aí. A partir daí passei a relacionar com estas vizinhanças às linhas utilizadas para representar um ambiente interativo (prancha 01), mais como uma forma de inspiração para novos arranjos e grafismos possíveis com a linguagem da xilogravura.

Procurei pensar como eu poderia gerar uma imagem que representasse este mundo virtual do ponto de vista das pessoas que lá convivem constantemente sem nunca ou muito pouco se encontrarem fisicamente, tendo um contato olho no olho. Pensei em algumas das implicações que isto pode causar na vida cotidiana, modificações que me parecem visíveis como em substituição ao contato real, por exemplo. Mas isto são reflexões pessoais que não serão de fato abordadas aqui, pois não





vêm ao caso. Muito refleti sobre a construção do indivíduo e como representar isto numa imagem parada, numa gravura.

Penso no quanto esta sobreposição de informações visuais de todo tipo interfere na paisagem que tínhamos antes da urbanização, acentuando hoje mais as mudanças, as consequências geradas e reproduzidas em grupos, dentro do comportamento do indivíduo e sua forma de organização. Em como tudo isso está no dia-a-dia transformando/afetando as interações presenciais. E daí a apresentar diferentes formas de agrupamentos sem que eu me detenha demais a estudá-los e sim, ilustrá-los de forma mais livre, conforme meu imaginário.

Foi quando decidi brincar um pouco com o material que tinha em mãos. Uma prancha de madeira, que já teve vida e que reage na incisão com a goiva, a ferramenta própria da gravura como “extensão da mão” como fala Márcia Campos em sua dissertação de mestrado (SANTOS, 2006, p. 17). O ambiente aqui também não se define como já vinha fazendo em construções anteriores, um ambiente como nebulosas que sugeriam figuras a emergirem da memória, das lembranças, ou sabe lá o que cada observador encontra algo ao se defrontar com elas. Não apresentam arquiteturas minuciosamente construídas com linhas, identificando espaços reconhecíveis, pois não há quase nenhuma arquitetura nas atuais gravuras,

assim como nas anteriores. Existem sim, apenas personagens em situações diversas cercados por emaranhados de linhas retas e inclinadas.

Quando tinha pronta a primeira imagem desta nova representação pela exploração da técnica, eu ainda não sabia o que ela queria dizer. Eu ainda não sabia como iria explorar este caminho. Até que surgiu um momento em que tudo foi começando a descortinar-se e percebi que o caminho era justo, este o de buscar um ambiente de atmosfera indefinida, a qual muito me agrada, que o olhar do espectador com o meu se encontrem e gerem reflexões. É apenas ao que me proponho: reflexões acerca deste processo. Aponto aqui, portanto, o caminho que eu encontrei neste sentido, o do meu ato de criar neste momento. Não viso roteiros e histórias definidas, fechadas para estas representações.

Tenho escolhido figuras humanas atuando em diferentes funções. São acadêmicos, músicos, dançarinos, esportistas, pessoas de terceira idade, jovens e crianças, imagens que depois sofrem alterações em sua atitude na hora de ir para o arranjo na prancha de madeira. Utilizo para isto silhuetas, desenhos, fotos, sombras de pessoas no chão, etc. Pessoas em geral que estejam com seus corpos sinalizando funções diferenciadas. Elas apresentam posturas que me sugerem sensações de frio, mas um frio mais psicológico, emocional. Junto todos estes fragmentos na prancha de

madeira e jogo num mesmo ambiente que se torna decorativo ao que a linha é inserida.

Portanto, posso inferir que, quando abordo a rotina, faço relação a um conjunto de ações que fazem parte de um dia inteiro de nossas vidas. Quando me reporto ao indivíduo como parte de um conjunto da sociedade, de grupos, relaciono a condição humana da forma como vem sendo configurada. Quando falo de fotografia, esta vem como afirmativa de um recorte do mundo. Quando uso a linha com tantas opções de direção e tamanhos, em seu conjunto ela se mostra fragmentária ao olhar do espectador (na associação da linha de varredura do monitor de TV). Quando estou falando de grupos, eu estou falando de recortes da sociedade que num todo formam nosso planeta. Quando falo de cinema, a relação da montagem de muitas cenas cria um contexto único, mas variável para cada autor-editor. Vejo um elo em cada uma destas observações e parto daqui para tratar agora de cada elemento particularmente. A individualidade como elemento que se mostra no mundo pós-moderno.

Assim, passo a tratar da técnica e das escolhas que fiz pelas montagens.

### **1.1 - Da construção das gravuras, suas características e descrições**

A gravura é feita de “um conjunto de atos” (SANTOS, 2006, p 17) que irão gerar uma imagem. É neste pensamento que dou andamento a este texto, falando de cada etapa que compõe o resultado que é a gravura.

O conjunto de ações aqui é: escolhas de fotos (motivação), montagem, incisão e tratamento artesanal. As ações práticas que estão relacionadas a elas, são: coleta de imagem (prancha 02), seleção destas imagens (prancha 03), adaptação de foto para “desenho” (prancha 04), montagem (prancha 05), transferência para matriz (prancha 06), incisão (prancha 07).

Eu recorto das fotografias pessoas em determinada pose para uma representação, porém sem naturalismo. E para compor este conjunto de xilogravuras, eu pensei em explorar ainda mais as possibilidades da técnica através da linha sulcada numa matriz. Não tenho a intenção de representar o real, portanto, as linhas não são feitas para alcançar uma perspectiva geométrica. As figuras não tem a intenção de iludir o espectador com as características próprias da figura humana. São representações, ilustrações baseadas na expressão, talvez numa caricatura.















As figuras apresentam menos linhas em sua formação. No entanto, parece que dependem do emaranhado de linhas em seu entorno para serem percebidas, pois do contrário estariam submersas num espaço de cor e quase nenhuma nitidez. Sumiriam em parte, já que são construídas com tão poucas linhas e pouco recorte na figura. Parece que, definindo melhor os contornos e detalhes internos nas figuras humanas, ajuda a retirar o teor mais dramático da gravura. Não busco tanto contraste como antes, pois quero atenuar a representação, retirar um pouco do drama, permitir que se comportem mais como uma ilustração, de caráter mais lúdico. Por isso, usei bastantes linhas para criar mais textura e retirar a passagem drástica dos tons de cor utilizados. Usei a cor na intenção de caracterizar como ilustração, que não tivesse ligação com as cores vindas do mundo palpável que nos apresenta.

Eu me permito usar da falha da linha sulcada quando a matriz sofre resistência à ferramenta e reverte em traços irregulares na hora da impressão para agregar valores à confecção das cenas. Aproveito estas falhas como ‘aspectos’ que irão instigar mais o olhar, traduzir e qualificar a ilustração que estou por conceber.

A primeira gravura da série não surgiu de uma fotografia, como de costume, mas de um desenho encontrado num site de internet. A intenção era uma imagem que simbolizasse o carnaval da Bahia. Representava uma

cultura. Desta forma, eu não buscava especificamente uma fotografia, mas uma imagem que simbolizasse o carnaval baiano. Da imagem, surgiu então a ideia dos grupos, do que penso que tenha relação com o conceito de multiculturalismo. Ansiava por representar pessoas de várias culturas, convivendo em ambientes diversos, seja na música, na religião, nos bares, nos bairros, nas festas, nos sites, nos chat's, que mesmo apresentando salas de conversação específicas, até mesmo ali se encontram pessoas de diversas culturas e interesses, que não unicamente aquela que intitula a sala. Enfim, pessoas de todas as origens, mas que se misturam e se agrupam para determinado evento que se repete ao longo do tempo. Procurava algo que identificasse não apenas grupos formados nos meios tecnológicos, como as redes sociais, Messenger (software de conversação), e talvez, nem apenas grupos étnicos pré-estabelecidos ou denominados historicamente.

Porém, retornando ao que me motivou neste trabalho, o que me instigou a criar foi justamente um comportamento de vizinhança partilhado na internet. Pessoas que se encontram diariamente conectadas pelo Messenger, como outrora faziam os vizinhos reais-físicos das nossas mediações, nos bairros e centros da cidade onde moramos. E desta imagem surgiu a ideia de que o trabalho pedia uma desvinculação destas janelas do Messenger para se estender aos demais grupos formados em nossa sociedade contemporânea. Na prática, usei o agrupamento de figuras

semelhantes num espaço delimitado. Usei a forma do quadrado para montar estas figuras encontradas e redesenhadas no espaço por meio da ferramenta própria da xilogravura, a goiva. Desta forma, eu tinha parte destes encontros em um espaço delimitado, regular, fechado. Desde então não me limitei mais a um tipo só de imagem. Utilizei imagens fotográficas ou desenhos em arquivos JPG veiculados na Web, este grande banco de dados popular, do qual me utilizo cada vez mais. Pretendi encontrar imagens que dessem o significado do pensamento que eu tinha em construir estas montagens em xilogravura.

Partindo para analisar cada uma das gravuras construídas para este projeto, tem-se:

## **1- FREVO**

Frevo (prancha 08) foi o trabalho que me instigou a construir uma sequência de xilogravuras. A primeira imagem que organizei de forma diferenciada do que vinha realizando anteriormente em termos de tamanho, disposição no plano e na cor empregada. Nela tenho figuras repetidas. Usei uma madeira de 27 X 25 cm, portanto, regular, quase um quadrado em pequena dimensão. Uma gravura colorida, em tom azul, usado aleatoriamente porque nunca gostei de cores vibrantes como o vermelho ou o amarelo para as ilustrações e cenas que arranjava até então. Acreditei sempre que o preto e o branco tinham maior valor expressivo



numa xilogravura e que este viés expressionista, de alto-contraste, era o que dava mais força às imagens que eu construía, maior significado. Experimentei a cor a fim de perceber esta relação junto ao sulcar na madeira. Naturalmente, retira um pouco do drama quando não uso o alto-contraste, suaviza a cena, a ilustração. Para o trabalho atual, parece ser mais interessante, pois fala de coisas amenas. Encontros casuais da vida real que aqui se adequam melhor pela ilustração, ainda que usando uma expressão forte como é o tratamento da xilogravura. Porém, ao mesmo tempo, com este teor mais lúdico de um contraste mais suave.

A xilogravura em questão apresenta pessoas dançando, duas inteiras, duas pela metade e conjuntos de sombrinhas na parte inferior do quadro. Linhas diagonais em diversos sentidos foram inseridas sulcadas na madeira toda em torno destas figuras para apenas gerar um aspecto mais decorativo. Uma textura de linhas em direções que se alteram e passam a corresponder ao contorno da sombrinha, enquanto algumas linhas levemente curvadas criam alguma textura interna. Algumas vezes elas se encontram, e neste cruzamento se obtém quadriculados.

As linhas não são completamente rígidas, rigorosamente estruturadas de modo similar, mas diferentes ao que se pode ver num monitor de vídeo digital com o rigor da matemática, por exemplo, onde a linha só tem caminhos pré-estabelecidos pelos cálculos executados pela



máquina. Ali existem cálculos pré-programados que a máquina executa por raciocínio lógico, enquanto que as imagens que construo na gravura vem de uma imprecisão do fazer manual, que hora e meia escapa ao seu programado traçado com a goiva. Umas linhas saem mais finas, outras mais espessas, outras ainda mais curtas, umas interrompidas, outras não são pares em sua extensão, começando finas e alargando um pouquinho e afinando novamente. Mostra bem o fazer, o corte, o ferimento na madeira feita pela extensão da mão que são as ferramentas. São linhas irregulares. Às vezes, durante a gravação, elas se sobrepõem às outras e com isto o que se alcança na impressão é algo que pode fugir ao traçado inicial, acabando por criar mais luz que linha.

A gravura apresenta alguns planos em função da escala das figuras. No primeiro plano, têm-se três sombrinhas e mãos segurando-as. Num segundo plano, parte do tronco do corpo de uma figura feminina está dançando com a sombrinha na mão, parece sorrindo, apesar da imagem imprecisa. É o que se percebe. Ela tem só um braço levantado e outro desaparece atrás de uma sombrinha. Em um terceiro possível plano, tem-se um casal dançando. Uma moça de vestido curto e cabelos pelo ombro. Sombrinha na mão direita e olhar para frente, em direção ao observador. Parece feliz, sorrindo. Vestido sem mangas. O rapaz parece não olhar tão diretamente para frente, onde se encontra o observador, mas também

parece alegre e sorridente. Roupas de verão, calça curta, camisa curta e uma sombrinha na mão direita.

Eu crio estes planos em função da escala das figuras e não pela perspectiva que poderiam apresentar. Mesmo assim a principal intenção não é trabalhar este aspecto. A intenção principal é a montagem, o aglomerado das figuras num mesmo plano, digo, numa mesma superfície plana, criando a ideia de simultaneidade de situações, de pessoas convivendo no mesmo ambiente.

Sombrinhas e mão em escala menor a do primeiro plano fazem parte desta gravura como que surgindo por entre estas linhas. Silhuetas mais ao fundo, acima, à esquerda do quadro e mais algumas sombrinhas com alguma textura de linha formando o objeto.

No primeiro plano, as sombrinhas apresentam-se quase todas dentro de um padrão mais volumétrico, mais modelado, porém ainda foge um pouco do naturalismo, pois algumas linhas não permitem perfeita modelação do objeto retratado. As figuras, mesmo simplificadas, com poucos traços, podem ser identificadas como figuras humanas.

Parece existir um ritmo em torno das pernas do rapaz e da moça gerado pelas linhas de fundo que contornam o personagem, linhas em

diagonal, meio inclinadas que junto com as linhas de sua calça e criam um movimento no olhar do espectador.

A imagem construída segue com forte influência expressionista, porém, atenuado pelo meio tom. Há mais expressão gráfica do que um traçado definido, com menos realidade. Caracteriza uma ideia, traduz um pensamento e não conta uma história, linear, em sequências. Fixa um momento antes e um momento depois que é reconstituído pelo observador. A técnica que escolhi e que sigo optando para estas construções, montagens, ilustrações é a gravura em madeira que tem um desenho indireto e precisa extrair de uma matéria bruta uma forma. É uma linguagem que fala por si. Por ser artesanal é usada para expressar um gesto que sofre reação à força aplicada ao material, e, por isso, tem proximidade com minha poética pessoal, com um ritual, uma repetição que traduz um fazer cotidiano.

Na gravura impressa quase não há espaço de área não escavada. Há linhas diagonais inclinadas por toda a gravura compondo o espaço. Uma área de silêncio se encontra abaixo, na parte inferior da imagem. Um contraste mais acentuado em relação ao restante da imagem. Há um descanso para o olhar que agrega ao todo da imagem construída, onde a pupila do olho humano não oscila. Linhas retas criam direções diversas e, portanto, geram inquietação para o olhar, pois a pupila percorre as suas

direções. Na representação deste momento de reunião, foram representados espaços de luz e sombra para a construção de figuras que se repetem em todo o quadro. Figuras chapadas pelo escavar em alto-contraste, roupas feitas de linhas que se encontram com o fundo da imagem, porém sem perdê-la totalmente a imagem. Há uma repetição das duas únicas figuras que compõem a ilustração toda. Há momentos em que, para estas figuras, utilizo uma construção diferente, às vezes chapadas e em silhuetas. Há certa distância, breve entre as linhas que constituem o espaço da tela. Geralmente estas linhas não encontram as figuras e quando encontram se confundem um pouco com a textura de linhas de suas roupas. Em algumas partes na calça do dançarino de Frevo tem um contraste maior entre a textura do fundo e a textura da roupa, mas em geral a textura da roupa se mescla com a do espaço da gravura. Isto gera uma ideia de diluição do dançarino, como se não se pudesse destacar aquele “indivíduo” do espaço.

Quanto ao uso do material, ao utilizar o MDF mais poroso tenho nas bordas internas da linha mais reentrâncias ocasionadas pelo enfrentamento com a matéria (com a ferramenta, a goiva). Isto gera na impressão, olhando a certa distância, o que concebo como pontilhados ou uma linha menos limpa, com uma sensação de tremido. Isto me lembra o processo de formação de imagens em vídeo.

## 2- OUVI-SE O MAR

A segunda gravura (prancha 09) que compõe o conjunto desta série é Ouve-se o Mar. As figuras em verde usadas na representação formam desenhos de mamíferos aquáticos e peixes. Baleias, golfinhos e tubarões surgem das linhas que não têm a intenção de formar o mar com sua forma real, embora procurem traduzir uma agitação das suas águas. O título surge inspirado em uma música que não tem nenhuma relação com a ilustração gerada. Surge depois e com uma necessidade minha de propor uma reflexão sobre o tema que se apresenta. Traduz um de nossos sentidos, “ouvir”, ou melhor, uma metáfora num sentido de “ouvir” com a alma e não, fazer uso do órgão auditivo. Mas o que se tem é a representação do ouvir em outro sentido, o ver.

A construção das figuras nesta gravura se faz mais por recortes dos animais marinhos que só são visíveis por causa das linhas que formam o mar. Em relação ao restante da cena, encontram-se algumas áreas de luz e sombra com pouco contraste de cor. Há diferentes texturas quando um verde mais escuro contrasta com o verde mais claro gerado pela proximidade das linhas sulcadas na matriz de madeira. Existem algumas linhas retas, em horizontal nas extremidades, outras linhas mais inclinadas no centro em direções que se encontram num ponto acima criando um



efeito de onda ou de movimentação de águas. Linhas curtas. Mesmo que estas linhas estejam quase num sentido horizontal, têm uma leve inclinação, encontrando-se em algum ponto. Linhas que se interceptam numa tentativa de gerar conflitos, tensão que sugere movimentação da água. Isto gera certo movimento para o olhar do espectador.

Sete figuras fazem parte da representação. Alguns animais surgem de corpo inteiro sobre as águas, outras revelam metade do corpo, apenas a frente ou apenas as costas da baleia, por exemplo. Alguns apenas mostram a cauda, mais ao fundo da imagem. Na figura que está na parte superior esquerda da impressão, as linhas ao redor dos animais estão em sentido vertical.

Nesta gravura, portanto, comecei inserindo as figuras. No caso, os tubarões e baleias. A seguir, pensei no movimento do mar, nas ondas agitadas pelo efeito das caldas dos animais. Uma representação com certa movimentação que gere a ideia da agitação do mar. Para isso usei principalmente uma inserção de linhas que sobrecarregasse o plano do quadro, criando uma leve confusão. Criei algumas linhas horizontais, que traduzem mais tranquilidade ao olhar, diferentemente da xilogravura Frevo (prancha 08), onde uso linhas inclinadas em diversas direções, causando alguma perturbação diante o olhar. As laterais do quadro foram quase todas trabalhadas em linhas que vão em direção às extremidades do plano,

sempre em sentido horizontal e com espaçamentos. Isto permite uma lentidão ao percorrer a imagem com os olhos. Percebi também que a goiva que usei na imagem deu um aspecto diferente na hora da impressão, pois o sulco na madeira ficou mais profundo e gerou uma linha menos limpa no resultado da impressão.

As diagonais foram pouco empregadas nas ondas, em determinados pontos. Este intuito de dar movimentação com linhas, assim como a pouca nitidez, estava desde o princípio decidido mentalmente para o fundo da imagem. Aqui eu tentei me aproximar mais de uma figuração reconhecível. Num momento que pode ter realmente acontecido muitas vezes no ambiente marinho. Está mais “formatado” dentro dos padrões que conhecemos do que acontece no mundo real. No entanto, tudo ainda é representação. Os elementos não nos fazem mergulhar na cena como se ela fosse real, como se estivesse acontecendo. Procurei usar de linhas inclinadas para os movimentos de ir e vir das ondas do mar. A cor utilizada oferece uma sugestão das cores que o mar reflete quando límpido. As linhas horizontais nas laterais geram a sensação de serenidade, não do mesmo movimento como o resto todo da ilustração.

Em síntese, eu busco sempre na imagem que utilizo como referência original, a sensação que me causa. É ela quem me norteia. Gosto, neste trabalho atual, de repetir as figuras, seja em silhuetas, seja em



pedaços menores da mesma face. Geralmente uso as mesmas imagens para uma gravura e sigo o trabalho com a minúcia da linha e com tamanhos menores de madeira. O próprio tamanho me auxilia a criar a minúcia gráfica das figuras por meio das linhas. Nas gravuras menores tenho de ter mais cuidado para não ultrapassar demais os limites programados no espaço da prancha e desfazer a formação mais definida das figuras que se torna mais legível pelas linhas de seu entorno.

### **3- TRADIÇÃO**

Em Tradição (prancha 10) tem figuras que se repetem. As fisionomias não são reveladas, apenas poucos recortes identificam a estrutura corporal das mesmas. As duas figuras da frente apresentam têm algum esboço de olhos e nariz, de forma bem simplificada. Dois agrupamentos repetidos. Ao fundo uma silhueta, sugerindo a ideia de distanciamento pela escala bem menor que parece estar acima, numa montanha ou morro. As figuras, dois casais, fazem parte da cena onde estão distribuídas sem centralização e com muitas linhas nas roupas. Talvez possa falar aqui em planos em função dos grupos que se repetem, construindo três níveis em escalas diferenciadas. As linhas são inclinadas, algumas muito, outras quase horizontais ao chão. Não formam verdadeiramente um piso que assim se reconheça. Há personagens, como existe em Frevo (prancha 08), que estão com parte do corpo exposta



enquanto a outra parte não aparece. Estas figuras estão próximas à borda inferior do quadro.

Pensei em usar aqui neste trabalho símbolos e arranjos que não fossem um agrupamento óbvio, mas que ao mesmo tempo representassem a cultura rio-grandense. O tratamento gráfico é aprimorado com muitas linhas nas vestimentas. O uso de figuras recortadas, contornadas, criam as silhuetas de algumas figuras. Estas silhuetas se apresentam em escala bem menor que as demais logo à frente, à esquerda da tela. As linhas ao seu redor convergem para as figuras aglomeradas formando quase uma estrela que tem seus raios luminosos, se fosse vista de longe. As linhas estão em todas as direções em direção às bordas do quadro. Cria, com isso, distanciamento deste grupo para os mais à frente em maiores escalas. Pouca área de luz e uma área de silêncio.

Aqui usei a ferramenta de maior qualidade para dar um acabamento semelhante a Frevo (prancha 08). Como na maioria das vezes em todo o projeto, aquela que penetra suavemente na madeira e percorre, sem tanta resistência, deixando rebarbas. Continua apresentando assim o aspecto mais tremido nas imagens. Efeito alcançado pelo sulcar rápido e preciso, bem como da ferramenta mais qualificada. Porém, percebo que, por ser a área toda de menor extensão, o sulcar se torna mais delicado e acaba resultando numa linha menos profunda. Na realidade, não há o

objetivo aqui de obter veios profundos, mas que firam de forma superficial. Tanto que após muitas impressões, existe possibilidade de lascas na prancha, algo que justamente ocorreu com uma das matrizes.

#### **4 – CHULA 1**

Neste trabalho (prancha 11) eu preferi usar um MDF menor e com um formato que não fosse quadrado. Optei que fosse um pouco menor também para perceber os efeitos das linhas mais aglomeradas e mais organizadas. O resultado, em princípio não me agradou muito, parecia definir pouco a ilustração devido à construção da figura central das botas em ziguezague em relação ao tratamento do fundo.

As dimensões são próximas das demais, seguem o projeto inicial. Apresenta pouca nitidez, a parte que reproduz as botas está bem maior que o restante. Tem pouco contraste em toda ilustração com linhas em ziguezague, desta vez criando um fundo e mesmo, construindo a forma das botas. O objetivo era me libertar um pouco da linha reta. Queria experimentar linhas em diferentes formas para construir um espaço que não fosse real, mas apenas um fundo ilustrativo para as representações.

Analisando a imagem atual percebi que a goiva que usei era diferente daquela que usei na xilogravura Frevo (prancha 08). Percebi que o tratamento da imagem ficou diferente e que isto se deu em função da goiva



ser mais simples, reta, mesmo em “V”. A espessura da goiva melhor é mais macia, afiada e mais fina também, permite incisões mais próximas, portanto mais quantidade de linhas próximas. A que usei aqui em Chula 1 (prancha 11) é mais grossa e abre mais os veios na madeira. Por esse motivo, o sulco na madeira fica mais profundo e não proporciona o mesmo efeito da gravura Frevo quando impressa. Retira a delicadeza e não causa a mesma sensação de ‘embaralhamento’ observado pelos nossos olhos. A ferramenta de melhor qualidade (de mais precisão) obtém os pontilhados que se expressam na hora da impressão como em “Frevo” (prancha 08), pois ficam mais superficiais ao sulcar o MDF.

## **5 - CHULA 2**

Aqui (prancha 12) a intenção era focar uma dança. Um motivo de reunião entre os seres humanos desde os primitivos, seja para rituais, seja por diversão. No caso, representei a dança da região em que moro, o Rio Grande do Sul. Desta, tive outras ideias de ajuntamentos que envolvem a dança, como a música eletrônica, os shows de rock, as bandas de garagem, etc. Foi então um segundo trabalho ligado ao tradicionalismo gaúcho. A imagem não é tão definida. Tem poucas linhas e estas linhas não são retas, são quebradas. Procurava explorar novas formas de textura que igualmente gerassem sensação de movimento. Aprimorei mais o grafismo e voltei às



linhas retas inclinadas de fundo para tornar mais aperfeiçoado o fundo e definir mais um pouco os elementos que compõem a representação.

Quanto à construção do trabalho, comecei inserindo as botas por me parecer que tudo rondava em torno dela. Não mostra exatamente uma dança típica de nossa região, foi apenas uma sugestão, um tipo de metáfora, uma ‘citação’ que envolvesse a música e a dança, mais especificamente. Mostra alguns elementos do traje (típico) do gaúcho, a bombacha, as botas. Nos pés, está um dos movimentos mais básicos e característicos/representante nas danças do sul ou, em uma visão geral, a ideia de movimento característico do ato de dançar, de evoluir, de se deslocar. A Chula tem no sul este movimento centrado nos pés, pela batida no chão sobre uma vara ou facão. Por isso o título está associado a este agrupamento do Rio Grande do Sul em função da dança tradicionalista/folclórica.

## **6 – GRUPOS AFETIVOS**

Esta gravura (prancha 13) parece exprimir maior calma que as xilogravuras construídas anteriormente, por ter as linhas em diagonais pouco inclinadas e mais espaçadas. Isto não parece criar uma inquietação como vista em outros trabalhos. As linhas estão mais longas e ficam quase em perspectiva, pois seguem para o centro da imagem onde se encontram





os personagens típicos. Outra diferença é a falta de repetição de figuras iguais, como as anteriores apresentam. Usei aqui um MDF mais fibroso, menos poroso o que define melhor as linhas na hora que sulco a madeira. Elas perdem um pouco da aparência pontilhada quando vistas mais de longe em função do material de gravação, da goiva e do tipo de grafismo utilizado (linhas quebradas). Com a primeira camada mais lisa do MDF aproximando-se do Eucatex, a característica da impressão fica mais chapada, sem ilusão tátil como em gravuras anteriores. As linhas, que no enfrentamento com a matriz de madeira deixam falhas na impressão, formam pequenas luzes que remetem à sensação de simultaneidade de ações do mundo real.

O contraste usado é reduzido, pois há pouco ‘silêncio’, ou seja, não há uma parte não escavada na matriz que se apresenta. Portanto, preenchida de cor por igual no resto da gravura há muita linha, o que cria mais textura, menos contraste. Há pouco reconhecimento das figuras pela forma como as linhas foram sulcadas na matriz. São poucas linhas e espaçadas, o que forma figuras pouco definidas, como o cavalo logo atrás do casal em escala maior. O cavalo, por exemplo, praticamente nem é percebido como tal e suas formas parecem salpicadas, tingidas, manchadas.

A construção começou pela inserção do casal com o cavalo (prancha 14). Na realidade, recortei ainda mais a imagem fotográfica de um



desenho que foi obtido na internet em formato JPG. No entanto, o que me deu a sugestão para as linhas foi o casal abraçado que inseri por último. Vi algum tipo de aprofundamento da cena e pensei nas possibilidades de construção com outros elementos, me apropriando desta condição primeira. Depois, eu fui construindo e abrindo as linhas escavadas, conforme o material me permitia. Às vezes me restringia, fugindo do caminho que imaginava para aquele plano, abrindo demais o espaço ou juntando demais as linhas e até sobrepondo uma na outra. A seguir, eu passei a criar as demais linhas em função destas primeiras com o cuidado apenas de não criar espaços ambientais semelhantes ou que remetessem ao espaço físico corpóreo. Estava apenas explorando possibilidades. E segui assim até que comecei a entender este procedimento em relação a certos aspectos da visualidade da TV e da tela de um computador como sobreposições de imagens e texturas, que me influenciam ainda e sempre a construir novos projetos, agregando e relacionando minhas imagens ao contexto em que vivemos.

Por isso, a cada ato sobre a madeira eu fazia os apontamentos para registrar meu próprio aprendizado, como já havia sido realizado ainda na construção do meu Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Artes Visuais. Foi assim que passei a compreender o quanto cada etapa da concepção do trabalho tem implicação direta sobre o resultado alcançado. É sempre diferente do que nos programamos. O que o todo do trabalho

reflete é sempre ou quase sempre diferente do que a sua origem indica, pois quando monto, gero agrupamentos que a imagem original não apresenta.

Muitas vezes, nas gravuras que eu produzia antes, eu fiz vincos na madeira construindo linhas retas. Um gesto com a ferramenta feito mais rápido, pois queria um tratamento mais expressivo, mais forte, menos acabado. Aqui desejo um fundo mais homogeneizado. Desejo que fique decorativo e uso para isso um grande número de linhas por toda extensão da prancha. O resultado é um acabamento melhor, mais ornamentado, se assumindo como ilustração.

## **7 – Muitos Eu's**

Nesta xilogravura (prancha 15) optei novamente pelo uso da foto, como em outras montagens. Preferi seguir com um MDF em formato regular, mas agora usando a forma circular para ver como isto poderia se comportar ao explorar a linha reta e inclinada em diversas direções, quando obtivesse o resultado impresso. A linha é similar àquela já utilizada anteriormente em outras gravuras, apresentando regularidade e um tamanho próximo aos anteriores. Usei um diâmetro de 33 cm, próximo ao tamanho usado com os quadrados. Foi uma dimensão que procurei estipular para o conjunto de trabalhos desta pesquisa. O MDF usado é



menos poroso, foi lixado, portanto, apresenta a primeira camada lisa semelhante ao Eucatex, que não apresenta veios, o que reverte numa imagem mais chapada na hora da impressão e ocasionalmente sem os pontilhados ou sem quase nenhum pontilhado observado nas impressões com MDF mais poroso. Como é um MDF, sempre tem algum veio que se salienta.

Pelo formato que já possuía uma inclinação, fui instigada a construir uma montagem nesta estrutura pensando no quanto isto poderia tornar a imagem diferente, o que, na hora da impressão, resultou numa diferença pouco significativa em relação às demais construídas anteriormente, senão pelo material menos poroso, com superfície mais lisa, então pelo uso do formato e da mesma linha reta e inclinada. Esperava que causasse algum estranhamento que não percebi, mas sim uma imagem mais limpa, menos fragmentada na construção da linha e, desta forma, também da ilustração pronta.

No enfrentamento com a matéria-madeira, quando esta impõe maior resistência, há um aprofundamento maior com a goiva e o rebaixamento das áreas mais resistentes causaram efeitos diferenciados como maior retidão da linha que na da gravura do Frevo (prancha 08), áreas mais abertas e linha mais limpa, sem extremidades fragmentadas,

pontilhados. Linhas longas ao centro, linhas inclinadas em diversas direções em toda extensão da gravura.

Quanto ao uso das fotografias, eu preferi um mesmo personagem em diferentes posições-situações. Colei figuras em distintas representações de uma mesma pessoa. Pensei se isto poderia vir a ser percebido ou não. Figuras humanas dispostas em arranjos com várias inclinações, de lado, subindo, horizontalmente, sobrepostos, como tenho feito para dar sentido às ilustrações ou cenas. Luz e sombra com maior percepção e mais figuras com este tratamento gráfico.

Os papéis selecionados para a impressão também têm uma intenção de agregar sentido no resultado da impressão. Dou preferência a papéis frágeis, translúcidos que falem um pouco da fragilidade dos momentos que vão e vêm no contexto da vida real, instantânea, como os registrados pela câmera fotográfica e deixados num presente eterno.

## **8- MEDITAÇÃO**

A ideia para esta ilustração (prancha 16) foi a sensação de espiritualidade. Procurei figuras que tivessem uma relação com bem-estar, espiritualidade, religiosidade, reflexão. E há uma que encontrei e que inseri em todas que criei neste sentido de religiosidade. A figura (prancha 17, fig. 01) que já era uma silhueta, uma figura feminina em posição de reverência







e oração, pelas mãos postas junto ao corpo. É uma fotografia, contudo foi tirada de forma que deu visualidade à sombra da pessoa/figura humana nesta posição e não, a sua fisionomia e traços em geral. Tem sim uma relação com minhas convicções, não de um seguimento, mas de um conceito meu de que todos os caminhos, linguagens como interpreto as religiões levam a um bem-estar pessoal e do próximo. No entanto, é algo simples e cotidiano das pessoas. Razão pela qual acreditei ser interessante abordar um tipo de ajuntamento próprio do ser humano em diversos momentos da história.

Desta forma, acredito que as figuras selecionadas no banco de dados da internet popular já carreguem isto, alguma característica para o significado geral da gravura, mesmo que tenha sido eleito por mim como metáfora.

As dimensões giram em torno de todo o projeto, neste caso 27 X 25 cm. As linhas são mais longas, mais abertas, mais contínuas e menos inclinadas em algumas passagens da representação. Os conjuntos de linhas não se encontram, encontram sim as figuras/pessoas que fazem parte da ilustração. Estão mais próximas e com menos conflito ao cruzar o olhar do observador. Dificilmente estas linhas e as das figuras entram em atrito direto. Geralmente linhas em diagonais mais inclinadas encontram linhas menos inclinadas. Encontram mais as figuras. A textura seguiu em tom mais

claro, semelhante ao tom da gravura do casal. Parecia interessante para uma representação de cunho lúdico. Claro que isto também se deu em função das linhas muito próximas que em determinados locais criam, como na das gravuras restantes onde a textura é suavizada. Existe menos aglomeração das figuras no todo da superfície. Estão mais espaçadas, mais espalhadas no plano da gravura.

As linhas que convergem em diagonal para as figuras, nem sempre abaixo delas, não estão no mesmo sentido e sim, paralelas à inclinação das linhas que formam as figuras. Estão no mesmo sentido/direção, porém sem ser continuação entre uma extremidade e outra da figura. Não coincidem numa borda e outra da figura. Existe assim um espaço mais amplo com linhas. Menos elementos de pequenas dimensões, fragmentados em todo o plano desta cena. E quando há uma só, está em silhueta bem definida, sem linhas em sua construção interna como em Frevo (prancha 08). As linhas vão até o encontro das outras. Há um choque maior de contraste com as figuras do que em Frevo (prancha 08), onde a textura por linhas nas roupas das figuras é maior e mistura mais a imagem com o fundo. Talvez ajude a criar algum tipo de isolamento das figuras em meditação. Cada uma está isolada e não como algumas outras gravuras onde as figuras montadas se agrupam. Poderia dizer que aqui tem algo que vejo no contorno de figuras em função do encontro das linhas e espaços que encontram a parte entintada. Isto confere certa linearidade, como que fossem contornadas.

A imagem da moça fazendo ioga ou parecendo se esticar num tipo de alongamento não foi proposital, embora a foto já tenha certo alongamento. Este alongamento da jovem eu fiz sem querer ao inserir a foto no documento do Word para facilitar na impressão que fiz para não consumir tanto papel por cada imagem em tamanhos pequenos e inutilizar o restante do papel. Eu estiquei só uma ponta da figura. Não usei a ferramenta do Word apropriada que alonga a imagem por igual em todos os cantos das extremidades ao mesmo tempo, permitindo aumento proporcional de forma harmoniosa e sem deformar mais a figura recortada. Manipulei a fotografia, que por mais realista que pareça ser de um registro do tempo vivido-capturado, apresentou algumas deformações fisionômicas, faciais, etc. Esticando esta figura também parece que confiro um distanciamento e uma escala diferente das demais figuras/elementos à frente. Poderia configurar um plano não realista a mais na representação. Um segundo plano. Até porque as linhas em direção à borda externa para fora do plano permitem esta leitura, de algo esticado.

Eu escavei, na realidade, por dentro dos braços da mulher que parece respirar a vida ou espreguiçar-se. Isto configurou um contorno. Mas poderia ter escavado tudo e deixado apenas a configuração dos braços por conta das linhas que contornam a figura que compõem o espaço plano da cena. As linhas parecem passar por entre a figura em silhueta que recebe a vida, que respira a vida.

A moça em meditação e de boca aberta, recitando um mantra provavelmente, parece sobre um tapete. Ele parece sobre algo mais, sobre aquelas linhas que convergem para cima e encontram a horizontalidade do conjunto de linhas neste sentido. Ela parece buscar uma espiritualidade. Esta é a ideia que me fez construir a ilustração, vontade de representar um grupo de pessoas que estão numa busca pela sua elevação espiritual. Não retratei um momento existente que tenha presenciado, mas uma representação de uma ideia.

As linhas nesta cena parecem mais semelhantes. Abaixo da moça que abre os braços e respira tem uma parte que não foi sulcada, por isso pode transferir uma ideia mais profunda. Há um contraste do pé e perna desta com o verde concentrado/chapado daquela parte. O chão, a terra. Foi mais uma vez um conjunto de acasos que contribuem para o resultado da xilogravura quando impressa.

## **9- PEREGRINAÇÃO**

O título desta gravura (prancha 18) decorre da metáfora “caminhar em torno da fé”. A intenção desta ilustração foi usar de uma representação relacionada aos agrupamentos em função da religiosidade. Eu achatei, estiquei um pouco a imagem das três figuras de senhor e senhoras quando passei para o Word para facilitar e não consumir tanta folha na hora de imprimir. Como não puxei as bordas que fazem a imagem ficarem



inteiramente reduzida, eu puxei de um dos lados paralelos. A imagem da figura foi se esticando.

A ilustração ficou bem impressa no papel, a tinta bem impregnada na madeira e obtive um resultado mais chapado, só não totalmente por causa do acúmulo de linhas que cria um contraste mais suave.

Linhas que se encontram no ferir a madeira abrem mais, estendem mais numa linha impressa. Tamanho de imagens próximo com escala pouco diferente. Existem algumas silhuetas. As figuras estão bem espalhadas no quadro. Parecem existir dois ou três planos nesta imagem dado pelo próprio grau sutil na escala das figuras onde a moça está mais perto da escada e outro antes mais abaixo. Existe um breve aglomerado de figuras/pessoas, mais abaixo. As figuras têm uma boa definição e não se misturam com o fundo construído por linhas. Imagens com linhas criam certa inquietação. Onde a moça está com uma sombrinha, usei de duas formas diferentes ainda na hora de passar a imagem com auxílio do carbono para a matriz.

Eu sempre tenho um conjunto de linhas paralelas aglomeradas que vão até o fim nesta gravura, se encontrando com as figuras que já têm uma área escavada por linha. No Frevo, quando estas linhas chegam às figuras, elas não se encontram direto com área escavada, mas sim com um contorno que é feito pela falta da linha que escavei ao redor. E quando há



linha nestas figuras em suas roupas, elas estão em outro sentido. Aqui, quando não tem linha na roupa muito próxima de sua borda, a figura é feita por área entintada, o que cria o choque, mesmo que leve contraste com o fundo. Só nas pernas é que existe uma área como que contornada.

Há uma mínima área de silêncio, duas pequenas, na realidade, no meio e no lado direito da cena, embaixo. O resto da imagem é todo feito com linha e figuras em contraste. Depois, na escada, num canto, uma área de sombra.

Há três escalas para as figuras, mais ao fundo está um senhor sentado nos primeiros degraus da escada. A escala entre ele e a jovem de sombrinha próxima a ele é quase a mesma. Ela está subindo os degraus. Quase na mesma reta que o senhor está um conjunto de pessoas (um homem e duas senhoras) em mesma escala e um grupo numa pequena redução esta escala. Aproximando-se está outra jovem de sombrinha na mão, de costas, menor que a da frente, e igual a jovem logo atrás de cabeça baixa com apenas metade do tronco para cima visível. Uma em posição inclinada e menor, outra virada para outro lado, uma maior para a direita e a menor em silhueta para a esquerda. Porém a imagem fotográfica de origem é a mesma.

Parece-me que, mesmo com as linhas inclinadas paralelas e em conjuntos sulcadas na matriz, elas até poderiam sugerir um espaço plano

por onde as figuras caminham, embora não delineiem um espaço naturalista perfeito. Até porque a intenção não é esta, está longe disto. Mas estas linhas parecem se estender da escada para frente, ficando sempre aos pés das figuras. Ao menos em grande parte da cena.

Quanto mais fina as linhas sulcadas na madeira/MDF, mais pontilhadas se parecem. Por isso, aqui, a linha é mais reta e quanto mais levemente ondulada, mais larga fica e menos pontilhada, menos parece fragmentada pelo olhar do espectador.

Nesta gravura as linhas inclinadas parecem bem mais ordenadas e perdem o efeito fragmentário de Frevo de Ouve-se o Mar e também de Tradicionalismo, embora eu sempre procure por mais espontaneidade, sem muito rigor.

## **10- TERCEIRA IDADE**

Pensando num outro tipo de ajuntamento contemporâneo e nestas misturas pretendi representar/ilustrar um grupo de terceira idade (prancha 19). Por isso, pensei numa reunião festiva e recortei as figuras de fotografias diversas para, em seguida, montar na matriz como nas demais gravuras, optando por linhas retas, inclinadas em direções variadas e uma cor mais viva.



## **2- Das imagens que habitam minha mente (O acervo, a coleta e as escolhas)**

### **2.1- A Construção constante de um acervo particular**

O acervo particular é nutrido constantemente. Em sua maioria, são imagens de pessoas ou de animais e alguns objetos e/ou alguma arquitetura, quando necessário. Pode ser uma casa ou uma escada. Retiro de sua perspectiva e crio outro ambiente desconhecido feito por uma malha de linhas que reestruturam estas cenas. Preciso acomodá-las num espaço novo, único, que reproduza uma nova sensação, pelo aglomerado, diferente do anterior onde o espaço era mais poluído por figuras muito próximas. Não há uma preocupação com a centralização das figuras/personagens. Aqui, o ritmo, o fragmento, reelabora este contexto, isso é o que mais me interessa e o que me parece se relacionar ao ritmo dos rituais do mundo contemporâneo que trata Maffesoli em “A barbárie em face do humano: as tribos pós-modernas” (2010). Por isso me reporto a ele,

pelo que me provocam estes arranjos. Talvez uma fonte de i motivação, como Vânia Mignone (prancha 17, figura 02) tem com as músicas de Caetano Veloso. A motivação pode vir da música, que sempre nos transporta a lugares específicos, próximos ou distantes, mas com certeza únicos, pessoal, quanto pode estar presente no contato com uma imagem ou um sabor, um aroma, etc.

Desde o princípio de minha produção em artes visuais, usando a técnica da xilogravura, ambicionava trabalhar com fotos de pessoas que nunca vira; justamente por me instigar a ideia da disponibilidade da veiculação destes álbuns online e porque meu objetivo nunca fora retratar personagens meus conhecidos. Porém, não me restrinjo a usar se necessário, alguma fotografia de amigo ou familiar se for de meu interesse, inclusive inspirada pela atmosfera que deles emana fazendo cruzamentos com alguma sensação particular de observação constante. Pelo ar curioso da pose, pela distração do protagonista, pela distorção da imagem possibilitada pelo enquadramento ou pelo teor cômico da cena.

## **2.2- As imagens que habitam minha mente**

Como as imagens penetram minha mente? Por que caminhos estas imagens entram e se acomodam nela? Que caminho é este e que

importância tem no processo? Que imagens são estas “que habitam” minha mente? O que é este ser “habitada por imagens”. De que forma elas vêm habitar minha mente?

Assim, após ter discorrido sobre o processo artesanal das xilogravuras, pensei em falar deste olhar que me leva a escolha por imagens determinadas. De como algumas imagens me chamam mais a atenção que outras. De que forma isto acontece?

Algumas percepções antecedem uma apropriação de imagens na internet e está associada a este conceito e ao processo de criação das representações. Às vezes me deparo com imagens que conforme são processadas ou estão baixando no computador, mostram-se fragmentárias, congeladas, faltando pixels necessários para a perfeita definição da imagem inteira na tela da televisão ou mesmo do computador. Quando isto acontece sinto que me aprofundo nestes espaços e sou provocada a pensar sobre elas. É uma situação bem comum e geralmente vemos esta falta de formação da imagem acontecer quando não há uma boa qualidade da compressão ao ser transferido de um meio digital a outro, como do computador para o DVD, como aconteceu nesta imagem que fotografei (prancha 20, figura 01 e 02). Daí o que vemos na tela são sobreposição de cores e figuras. Isto me deixa motivada a pensar sobre estas fragmentações



e sobreposições, pois causam distorções, estranhamentos. Isto me leva a seguir pensando sobre a formação de imagens, nas possibilidades dos arranjos e sobreposições na prancha de madeira.

Estas imagens me provocaram o olhar para uma sensação de estar no mundo e queria trabalhar ao redor delas, mas não sabia como, pois não gostaria de simplesmente mudar a linguagem, de foto para desenho e desta para uma gravura em madeira, recortando o indivíduo como via na tela da TV (prancha 21, figura 01). Um indivíduo perpassado por outras linhas e formas que se manifestavam neste ir e vir constante da imagem que não estava bem formada. Queria era mais repassar a sensação que tenho ao vê-las, o que relaciono à fragmentação do indivíduo, de sua dualidade, desta personalidade contraditória e também a ideia de recorte e colagem tratada pelos cubistas. É neste instante que começa a surgir a ideia para recortar figuras e juntar com outras, repetir, criar um novo espaço que no todo se configure numa percepção do mundo atual. Ao menos é a sensação que me transmite, o constante ir e vir da imagem e as sobreposições que ocorrem e que nos impomos ao realizar as diversas funções diárias. Antes escrevíamos linearmente, hoje enquanto escrevemos, ouvimos canções, dialogamos virtualmente, cantamos, olhamos imagens escritas, inclusive com som e realizamos outras diversas funções enquanto 'digitamos'. Hoje este fazer simultâneo se multiplicou.





É com este intuito que trago para a gravura atual, as tribos, os ajuntamentos a que se refere Maffesoli (2010). Trago a reflexão sobre como concebo mentalmente as escolhas feitas por nós em função do tempo, da agilidade, da instantaneidade deste estado provisório. Alimento-me de imagens do monitor de TV e da tela do computador, destas sobreposições, destes fragmentos enquanto a imagem está em formação, quando está sendo ‘carregada’ (prancha 21, figura02). Porém, não tinha noção de como tudo isto se configurava em minha mente até vir a se constituir gravura e se transformar numa imagem construída de maneira tão artesanal, até que percebi esta relação com o pensamento comum à figura de linguagem. Imagens em internet, fotografias, TV têm este hábito de me provocar o olhar ou o pensar, ou ainda a sensação de algo que percebo por trás destas imagens e me induzem a criar sobre elas. Recortar, juntar, repetir as mesmas figuras, criar um novo espaço que no todo se configure nesta percepção do mundo atual nesta forma de sentir e viver o mundo contemporâneo, onde neste momento eu associo a ajuntamentos temporários, numa forma de socialização encontrada pelas pessoas a fim de não aceitar a rotina. Segundo Maffesoli é *“a recusa da manipulação política que está na origem do seu receio, que inspira essa nova maneira de estar junto.”* (MAFFESOLI, 2010 1a., p. 07). Por isso, as vizinhanças formadas em meio virtual me inspiraram, por ser um espaço concreto para encontros ao mesmo tempo em que os encontros reais também se

mostram pouco permanentes. É com este intuito que trago para a gravura atual, as tribos *“pós-modernas [que] fazem parte, nos dias atuais, da paisagem urbana”* (MAFFESOLI, 2010 1b., p. 01). Ajuntamentos para a *“reafirmação da diferença, os “localismos”, diversos, as especificações* das línguas e culturais, as reivindicações étnicas, sexuais, religiosas, as múltiplas coisas parecidas em torno de uma origem comum, real ou mitificada.” (MAFFESOLI, 2010 1c.,p. 08).

Tudo serve para celebrar um estar junto, cujo fundamento é menos a razão universal que a emoção partilhada, o sentimento de pertença.

Eis o que caracteriza o tempo das tribos. Sejam sexuais, musicais, religiosas, esportivas, culturais, e até políticas, elas ocupam o espaço público. (MAFFESOLI, A barbárie em face do humano: as tribos pós-modernas, 2010, p. 08)

Por isso o tradicionalismo no Rio Grande do Sul me parece um bom exemplo de ajuntamento. Uma tribo, uma forma de reunião.

Estão presentes aqui as características de fotografias e/ou desenhos em JPG que agreguei ao meu banco de dados pessoal e os motivos que permitem estar ali, mesmo que não tenham todas sido utilizadas nas montagens que represento. Penso no quanto elas estão interligadas com minha memória e percepção e certo grau de fantasia.

Hoje o mundo despeja sobre nós muita informação e mal fazemos ideia de como isto tudo influencia em nosso cotidiano. A única certeza é de que altera, sim, o nosso viver em grupo, as interações, tudo que nos constrói como seres viventes.

Assim, revendo com mais atenção o porquê de uma fotografia instigar-me mais que outra, à medida que busco conformar o texto desta Especialização em Poéticas Visuais, encontrei o trecho “(...) sou completamente habitada por imagens em nuvens (...)” da Tese de doutorado de Adriane Hernandez (2007, p. 132), que me deu mais suporte para explicar este processo. Ser “habitada *por imagens* (...)” era exatamente o que eu estava tentando expor quando me deparava com elas. E percebi esta ideia, de ser *habitada por imagens* ao realizar os apontamentos no diário de bordo, enquanto fazia as descrições, em frente à tela do computador. Eu só não havia conseguido transformar isso em palavras. Assim adotei a expressão a que faço referência ao longo deste capítulo e/ou mesmo de todo o texto, quando necessário. Nuvens estas que hoje ainda associo à ideia de um infinito metafórico da imaginação, de onde surgem os personagens e o ambiente.

Outra contribuição que me despertou o interesse pela importância de pensar as interpretações que faço das fotografias veio durante uma aula

de Retórica, disciplina do 2º. semestre desta Pós Graduação, na qual fazíamos estudos e seminários relacionados a análise de imagens. A professora trouxe quatro fotos pessoais de um dia comum num final de semana em Porto Alegre. A proposta era realizarmos uma narrativa do conjunto e cada um fez a sua maneira. Foi muito interessante o foco dado individualmente o qual despertou uma curiosidade em relação a minha forma de olhar estas fotografias encontradas na internet.

Tendo relatado isso, recomeço as análises das fotografias encontradas e em anexo, algumas impressas, com páginas de internet que visitei (prancha 22, fig. 01) e das escolhas com descrições. Nesta escolha há provavelmente uma característica que aproxima estas imagens.

Num dado instante da pesquisa, entendi, portanto, que precisava realizar uma análise do que me movia para criar. Fiquei diante do computador e munida de meu bloco de anotações, passei a descrever as sensações que obtinha. No entanto, antes de encontrar a imagem pronta na tela do computador elas se manifestavam em minha mente, como meu imaginário, no entanto parei para refletir sobre isso. A cena projetada na mente e acessada por algum dispositivo gera uma imagem, uma cena que dificilmente tem uma relação direta com a realidade que conhecemos ou uma formação precisa, detalhada das faces, dos objetos ou demais



elementos que compõem uma fotografia, onde as formas estão prontas, moldadas. Percebi que não eram as narrativas que me interessavam mais ou o aspecto do tratamento da imagem, perspectiva etc., mas o que ela me trazia de sensação. Imaginação tantas vezes própria da literatura, a qual era a minha arte, até conhecer a xilogravura. Ainda assim não vislumbrava qual era o conceito exato que me atrelava a ela. Foi quando percebi, algo semelhante ao que diz Alberto Martins, um gravador e escultor, formado pela Faculdade de Letras que teve sua proximidade com a gravura posteriormente. Ele admite “ter encontrado no ato de cortar uma madeira dura (...) a alegria de um refúgio manual em relação aos labirintos do trato com a palavra” (WINSK, BUTI, 2007, p 15). Meu início nas artes vem, portanto, da arte da palavra, geralmente manuscrita e não a da linguagem visual/quadro.

Alguns textos poéticos que concebi recriam em tom ficcional momentos vivenciados, cada um com sua peculiaridade, típica de grupos específicos de convívio. São retirados da realidade cotidiana pessoal e com a presença de falas e expressões características de cada indivíduo, mas que porém não tem uma relação direta na transferência para futuras imagens criadas em gravura, mas tem a essência e se conformam como mola propulsora para gerar narrativas visuais. Gírias e formas personificadas sempre me interessaram muito, pois representam o nosso país, o Brasil.

Por meio de uma representação tola, um conto e/ou uma narrativa surgem os encontros com o que tínhamos de imaginário pessoal. Nossa mente vive impregnada de contos infantis que lemos e ouvimos em casa ou na escola, como “José e Maria” e os contos de fadas como “A Bela Adormecida”. As músicas infantis, as canções de ninar, e as histórias que nos contam para dormir, são outros exemplos, geralmente com grande uso de metáforas. Uma linguagem que remete ao poético e que aplicada ao dia-a-dia gera sentidos. São também feitos cruzamentos com imagens de TV e do computador e deste envolvimento geramos nossas imagens mentais, que podem ser metáforas ou que podem ter surgido por metáforas, pois segundo os autores George Lakoff e Mark Johnson é como a nossa mente interage com o mundo que nos cerca.

Um filme, por exemplo, trabalha com signos que irão traduzir/transpor um meio a outro, mesmo que não tenham vindo de um livro editado para o cinema. Pois, “(...) para a construção de um objeto em uma determinada linguagem (...) não só o processo como a obra abarca diferentes códigos.”(1998. p. 114). Cecília Salles esclarece que este é um “movimento de tradução intersemiótica” (1998, 1a, p. 115).

Ainda em Salles, fala-se no “efeito que certas imagens causam no artista, provocando-o” (1998 1b, p. 115). Pensando na situação dos filmes



de que tratei anteriormente, enquanto eles carregam construindo e desconstruindo a imagem diante o nosso olho frente à tela de TV, percebo esta relação que a autora acima fala em relação ao artista. Outra situação é quando encontro na web imagens digitais que apresentam elementos arquitetônicos ou formas geométricas mais abstratas com configuração regular. Estas estruturas quadradas, inclusive com possíveis pequenas distorções, me remetem às janelas, quando não são as próprias e me levam a pensar nas “caixas” visíveis ou invisíveis que em sentido metafórico dialogam com isolamento do mundo contemporâneo. Lembro-me, ainda mais, de filmes em preto e branco assistidos na infância. Não me recordo, no entanto, de qualquer filme dirigido por Sergei Eisenstein, diretor com que trabalhei como referencial em meu TCC. Mas sei que víamos várias vezes Drácula, Frankenstein. Outra referência é o filme com o ator Gene Kelly, “Cantando na Chuva”, também em preto e branco ou Pássaro Azul, que trazia pelo título e história a ideia da metáfora. Ficam as sensações, as ideias ilustrativas, a imagem em movimento, o drama, a forma que guardo, o impacto da passagem de uma e outra cena. O imaginário vai sendo montado, construído. As lembranças ou, como disse, a sensação é o que permanece. As imagens se remodelam, refazem, remontam, se cruzam, dialogam constantemente, se complementam ao longo de nossa história, neste vai-e-vem de recordações em contato com novas realidades-experiências. Às vezes, uma conversa, uma cena, um mínimo detalhe pode

trazer tudo à tona. Nem precisam ser verídicas, pois dificilmente serão, à medida que o tempo se estende e afasta o seu aspecto real que se desfaz. Então, elas se reconstroem como nas gravuras com as quais dei início a minha produção ainda na graduação. Imagens amontoadas, misturadas no plano do quadro, momentos que surgem numa nebulosa, da mesma forma como emergem nossas memórias.

Algo simples pode ser o estopim para desencadear lembranças, fragmentos, pedaços que fizeram parte de uma situação que vivenciamos e podem, com isso, criar o imaginário que monto na prancha de madeira. Um conto comum, um ditado popular, uma poesia, algo banal, pode aflorar a imaginação sem ter uma ligação direta com os textos de origem formulados a partir destes cruzamentos. Sem que tenham uma tradução direta na concepção da escritura, seja verbal ou visual como tenho realizado com a gravura, mas suficientes para gerar uma narrativa longa em literatura.

Numa associação mais direta com o texto visual que tenho construído, recentemente, quando ouvi uma canção tradicionalista, de Jairo Lambari Fernandes, Natureza vida e canto, me transferi para um universo que não era o meu, mas de meus antepassados. Por ser muito ligada às minhas raízes e apegada a minha terra, Rio Grande do Sul, e mesmo sem ser frequentadora de CTG's (Centros de Tradições Gaúchas), mas pela letra

da canção transbordar uma natureza pura, simples e poética, que fala do campo e das coisas mais triviais e me convidam a estes pensamentos visuais. Porta o imaginário da nossa cultura rio-grandense, das coisas simples do nosso rincão. Transporto-me ao aroma do campo, aos momentos de lazer neste ambiente que me é caro e enxergo o imaginário próprio da nossa cultura que tem ligação direta às minhas origens. Neste caso específico o cenário vislumbrado com a letra foi de uma casinha pequena no meio do mato, cenário extremamente bucólico. Histórias que eu ouvia contar pelos lábios de minha mãe, madrinha e avó. Um tempo que não era o meu. Tempo em que minha bisavó levantava cedo, buscava o leite e fazia pão e até às 7h da manhã estava tudo na mesa para a família que ia para a lida no campo, inclusive ela. E a passagem da letra “Natureza de vida e canto” que fez este *link* com minhas recordações, foi: “Para o labor que planta o pão e serve a mesa. Onde se vê que o supremo criador. Fez seu amor e deu o nome natureza”.

Esse trecho tem ligação direta com a sensação de aconchego, uma área de conforto em minha mente, não só à memória e à família, mas à terra e às questões da natureza, mas também a uma associação figurativa com a sensação que me envolve quando penso em meu chão, “terra-família -raízes-segurança”. Por isso, quando a letra da música me transmite estas sensações, eu procuro fotografias que promovam estes instantes. Não

é uma intenção de reproduzir uma autobiografia, mas de compartilhar a sensação.

Outra referência musical que muito me provoca reflexões é a música “Pés Cansados” interpretado pela cantora Sandy. Metáforas que a artista usa para traduzir a busca pela felicidade, algo natural à essência do ser humano. Encontrei esta associação em uma foto de pés que deixavam marcas na areia de um olhar que percorre esta figura (prancha 23) e sente a vida que “caminha”, que dá “passos” à sua frente. Usei a figura encontrada num dos trabalhos, aliás, em dois trabalhos, um recente e outro no período final da graduação. Traduzia um universo de busca por felicidade algo de nosso cotidiano, sempre todos almejando algo maior, quando o menor passo, o caminho que nos leva ao sonho maior está na rotina diária. Pensei nesta conversa íntima de cada indivíduo em seu tempo e escolhas, conflitos, angústias que dão flores num momento seguinte. As conhecidas e controvertidas facetas do humano. São nestes diálogos pessoais e corriqueiros que me ligo mentalmente.

Enfim, existem muitas formas de suscitar pensamentos na mente humana, resgatar recordações, memórias antigas ou recentes. Já existe uma montagem mental que é esta associação entre memória, literatura, imagens constantemente jogadas em nossa retina por meio da tela da TV



ou do computador e toda experiência que se possa ter adquirido ao longo da vida. No meu trabalho todos estes cruzamentos resultam numa montagem que tem como matéria prima a fotografia, mas que não precisa ser o que desencadeou todo o processo, pois pode ter sido a música, um pequeno trecho de uma composição ou mesmo um aroma, verso ou poesia inteira que hoje são veiculados em textos de *blog's* pessoais. Tudo nos transporta a espaços e tempos da memória que cria imaginários.

Uma lembrança desencadeia tantas sensações e nos transporta a muitos lugares no tempo e no espaço. O aroma de uma flor no campo, amarelas, encontrado no trajeto para a faculdade, pode ser outro exemplo. Flores que fizeram parte de um contexto pessoal. A associação vai ao prazer de estar no campo, em família e em contato com a mais singela e doce das sensações de bem estar, com a natureza. Isto me desperta a vontade e o prazer de trabalhar com esta sensação que no decorrer de nosso cotidiano parece abandonada quase ou completamente. São coisas que se não percebemos, vão ficando de lado, esquecidas, promovendo a uma desumanização. Transmite um ambiente em que posso desfrutar de coisas que numa cidade como São Paulo, urbanizada, já não possui todos estes encantos naturais. Sinto a necessidade de falar disto. Vejo que alguns artistas também procuram este diferencial, esta paisagem para inserir como proposta de olhar para suas obras em relação ao mundo em que

estamos inseridos. Lembrei-me de Daniel Acosta que traz esta referência para seus trabalhos em escultura com as “*Paisagens Portáteis*”<sup>2</sup> (prancha 22, fig. 02 e 03). Estas acabam sendo objetos que se referem à espaços naturais praticamente inexistentes numa cidade como a capital paulista onde o artista morou algum tempo. Justamente por morar aqui na região do Rio Grande do Sul, vê-se seu interesse pelo tema, justamente por ter residido um tempo em São Paulo e sentido de perto esta diferença embora o trabalho proposto geralmente abarque demais questões.

Como já mencionado, outro exemplo desta imaginação floresce da leitura de blog’s. Faço referência a um em especial, de um amigo que não conheço presencialmente, porém acompanho suas publicações. Naturalmente a cena foi ainda alimentada pela narrativa do blogueiro<sup>3</sup> (anexo) direcionando minha mente para o cinema. A ocasião, o encontro de um casal. Mas esta não foi a única postagem que promoveu uma alusão à cinematografia. Nesta referência o que me chamou a atenção foram as passagens de cena retratados pelo autor, fundamentais para me reportar ao dispositivo cinematográfico. Corta pra cá (nele), corta pra lá (nela), amplia o quadro, sai dos closes individuais dos personagens centrais. Ações próprias do cinema, da edição dos quadros filmados, mas que aqui vêm em

---

<sup>2</sup> <http://daniel-acosta.com/>

<sup>3</sup> [http://olhajose.blogspot.com.br/2011\\_10\\_01\\_archive.html](http://olhajose.blogspot.com.br/2011_10_01_archive.html) em 22/10/2011

forma de narrativa. No entanto tanto eu quanto o próprio autor fizemos uso de sua imaginação, consciente ou não. É um dado interessante de pensar, esta influencia que as mídias adquiriram em nosso dia-a-dia promovendo uma produção de imagens mentais que partem de cruzamentos com o vídeo, o cinema ou a televisão. E então neste instante me reporto ainda a outro momento em que o vídeo, a TV ou o cinema promovem esta imaginação. Durante um acesso num chat, percebi o aflorar de minha imaginação deslocando meu pensamento para os programas de TV que inserem participantes de um tipo de competição em ambientes escuros, onde só uma câmera especial pode mostrar via TV. Em minha mente, “luzinhas” acendiam quando algum “participante” se dirigia a minha pessoa, virtualmente. Era estranho e curioso. Lembrei também de uma exibição em um telejornal em referência a espaço de festa onde as pessoas, cada qual, no ambiente tinha seu próprio fone de ouvido, onde ouviam músicas, cada um em seu estilo, forró, rock, pagode, etc. Uma festa diferente.

Retornando aos blog's, estes propiciam narrativas pessoais, maneiras de fantasiar, uma prosa subjetiva da realidade. A narrativa já carrega este potencial. Traduz uma sensação, uma visão pessoal, uma percepção própria deste envolvimento com o mundo que o circunda. É nosso olhar, carregado de emoções, de sensações; tentando em palavras



dar conta de nosso diálogo interior, algo que me interessa muito, por conter fatos verídicos envolvendo percepções relacionadas aos demais sentidos humanos.

É importante ressaltar como tem início esta coleta para meu acervo pessoal. Eu uso um artifício hoje já empregado por artistas como Eduardo Montelli. Um porto alegreense que usa no blog<sup>4</sup> “Auto-retrato Lemonade”, só com imagens. Portanto é importante citar que agreguei ao meu processo neste momento o uso de palavras-chave, tais como o artista mencionado, para ir ao encontro de imagens que satisfaçam minha imagem mental inicial. Montelli usa palavras-chave tais como ombro, soldado egípcio, esquadro, etc, enquanto eu vou ao banco de dados popular usando termos como medo, solidão, morte, vida, paz, etc. Ele parece usar palavras mais objetivas, enquanto eu faço relações mais subjetivas que tenham relação com sensações e sentimentos. Uma tendência, porém não tem sido uma regra para mim já que algumas vezes a coleta é intermediada por vocábulos mais diretos como rincão, chula, tradicionalismo, danças típicas.

---

<sup>4</sup> <http://lemonadeeduardomontelli.blogspot.com.br/2011/12/blog-post.html>

## **2.2- Das imagens encontradas**

Passo então a descrições específicas de fotografias que encontrei neste caminho de autoconhecimento do processo pessoal.

Ao ver a imagem do alpinista (prancha 24, fig. 01), vislumbrei uma associação ao viver diário, à sensação de crescimento e de superação do indivíduo. O efeito da metáfora contida neste ato físico de escalar montanhas, que num sentido figurado podemos traduzir na escalada da vida, na superação de metas a cada dia. Percebi que traduzi minha sensação por uma interpretação subjetiva daquela realidade, daquele registro fotográfico.

Uma pessoa idosa com pão caseiro na mão (prancha 24, fig. 02) que parece estar com olhos lacrimejantes me reportou ao convívio em família, mais uma vez às origens, no caso, a alemã. Transporte-me para o convívio em família, num tempo em que éramos tão felizes com tão pouca tecnologia e recursos. É claro que a fisionomia próxima à origem de minha família também foi um elemento a mais para fazer esta associação. Também me levou à mesma sensação da música de Jairo Lambari Fernandes. A criança que refletia num cartaz (prancha 25, fig. 01) me levou à ideia de esperança ou da falta dela, ou ainda, da busca por ela, no estado



de coisas que se apresentam a nós em dados momentos da vida, na realidade massacrante das cidades, da vida que chora nos campos, nos animais, no nosso planeta. Na fome que se alastra. Coisas que me fizeram pensar.

Um soldado, de meia-idade, sentado numa pedra, com um olhar longe, parecendo cansado da luta (prancha 25, fig. 02). Uma guerra que desconheço a época, mas que numa junção com outra figura, numa montagem, poderia gerar outro sentido. Uma cena que fale do mundo atual e não do período que é retratado. Ou que numa gravura como nas que realizo hoje, com mais organização, reflitam um momento bem diferente, não de guerra, mas de cansaço físico, mental, de repouso inclusive, ao que associado a outras figuras humanas cada uma tem uma função diferente.

Quando inseri a palavra meditação na caixa de diálogo do Google, ele me apresentou, por exemplo, entre outras imagens, uma vela e uma bíblia (prancha 26, fig. 01) que revela para mim, um estado de reflexão. E se eu colocar com outras figuras, outros elementos num mesmo plano, poderá gerar mais de um sentido, conforme o olhar do observador. Pode gerar símbolos        direcionados        ou        redirecionados-ressignificados.





Uma cruz deitada em 3D e inclinada (prancha 26, fig. 02) foi outra imagem que me apareceu durante a pesquisa. Parece deixada de lado, abandonada, sobre um tecido branco, de cetim, suave ao toque. Macio.

Olhei para um Cristo com um cajado (prancha 27, fig. 01) e lembrei-me do deus severo que vem da criação, de Zeus. De barba, impondo respeito, o cajado de peregrino, olhos serenos, mas sobrancelhas firmes, elevadas. Remete ao conhecimento, que temos de história da arte.

Num blog encontrei imagens de barris com garrafas de vinho dentro (prancha 27, fig. 02) e pensei no mundo que gira em linhas que podem fazer parte em uma gravura. Isto foi enquanto eu digitava este capítulo sobre fotografia. Pensei nas muitas linhas a escavar que poderiam fazer parte do interior destes objetos e, associados a outros, despertarem novas sensações. Quem sabe o mundo que gira ao nosso redor tão depressa, num sentido figurado, naturalmente.

Uma mulher olhando para a tela, desejando ser vista (prancha 28, fig. 01). A própria pessoa deve ter tirado a foto em Webcam. Diretamente relacionada a ideia do Messenger, das redes sociais, as interações sociais mediadas e autorrepresentação. Algo que me motivou para esta nova criação, as novas tecnologias para a comunicação dos indivíduos.







Pés e pernas dependurados (prancha 28, fig. 02) que dão uma sensação de leveza e de liberdade. Não há tecidos ou vestimentas que envolvam estas pessoas que não se revelam de todo. Como vi num curta metragem, “Aos pés”<sup>5</sup> sob este ângulo, mostrando somente pés e pernas. Isso gerou esta associação. Outro olhar realizado pelo diretor do filme. Protagonistas sentados num prédio, na varanda e os pés e pernas soltos, em movimento livre. Fica uma sensação de liberdade, por isso de não ter limites, não ter chão. É como levitar, andar sobre águas, neste caso como andar no ar... Não há nada tolhendo seus movimentos, seus atos. Há leveza no gesto, no balançar de parte do corpo humano. Este, pesado, sob a ação da gravidade.

Em uma foto tirada em uma igreja (prancha 29, fig. 01), pelo que parece representar um momento mais dramático, de certa inquietação que se percebe no olhar da mulher que esta de pé ao lado de um homem onde ambos tem tipo de crachá dependurado no pescoço e ele com um papel amarelo entre os dedos.

A fotografia de uma jovem com a palavra “Encante-se” escrita sobre ela (prancha 29, fig. 02) sugere a mim, e creio que é a intenção do cartaz, um bem-estar em especial em contato com a natureza, pois há uma

---

<sup>5</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=GBos-LUcz-U>



flor e uma vegetação desfocada ao fundo. Elementos que eu gosto muito de trazer para as gravuras como muito fiz com os textos literários mais longos. Coisas fundamentais na vida, no meu pensar.

## **2.2- DAS IMAGENS QUE USEI**

Das imagens que decalquei para os trabalhos, usei símbolos reconhecíveis como a sombrinha (prancha 30, fig. 01) em Frevo que serve para dizer que ali existe um grupo formado em função deste evento que transcorre por períodos anuais. E, claro, pessoas dançando e com sombrinhas (prancha 30, fig. 02).

Em Terceira Idade (prancha 10), eu jogo também para o nome da gravura o sentido de agrupamento para compor um evento temporário que ocorre e se repete semanalmente. Nesta representação me utilizo de personagens desta faixa etária (pranchas 31, fig. 01 e 02), onde uma das imagens a senhora parece estar com a neta (prancha 31, Fig. 03) e um desenho, em JPG, de um casal de terceira idade que encontrei na Web. Imagem que repito várias vezes na superfície (prancha 32, Fig.01).

Pessoas com posturas corporais que tinham a ver com a fé, com um bem-estar em Meditação (prancha 32, fig. 02), formam um grupo, trazem







símbolos da fé em sua postura de oração ou de reflexão e meditação (prancha 33).

Juntei as que se relacionavam e formei gravuras representando circunstâncias de convívio, grupos, em constante busca por seu bem-estar, em constante busca de seu eu. Grupos que procuram relacionar-se em momentos e que, ao mesmo tempo, se mostram isolados pela malha de linhas que os separa e une ao mesmo tempo.

A metáfora, o símbolo de um tempo que, por linhas dinâmicas, não se mostra estruturalmente reconhecível em um espaço sem representação-sustentação física. Símbolos de uma ideia montada em uma prancha. Foi assim que cheguei ao conceito.

### **2.3 - Da análise e do conceito**

Assim, agora, depois de selecionar e realizar a primeira análise, mais uma reflexão: o que as imagens têm em comum? Existe um elo entre elas? Uma ligação possível que me tenha despertado o interesse? Que relação mantêm umas com as outras e se mantêm? Existe um fator que me leva a escolher as imagens fotográficas para o meu “banco de dados pessoal”? Qual? Quais foram realmente os caminhos de minhas escolhas?





O que encontro, portanto, são sugestões por meio de manipulação digital gerada antes de ser divulgada pela web como a fotografia de um rosto espichado/esticado. O resultado desta manipulação me desperta interesse e às vezes num deslize no uso da ferramenta no Word eu estico a figura. A partir disto, faço interpretações de teor subjetivo e integro com demais elementos gerando um novo sentido ao utilizar-me do processo de montagem. Proposições feitas na apresentação da própria imagem/figura humana e por meio de seu aspecto corporal ou facial. É por esta postura que, muitas vezes, faço as associações pelas sensações que me causam.

Eu não fiz esta análise em todas as fotos que peguei e inseri como arquivo, mas fiz de algumas aleatórias, sem compromisso que elas fossem do repertório de fotografias usadas nessa fase de meu trabalho ou mesmo em fase anterior. Não escolhi muito, coloquei-me em frente e a primeira que me despertou interesse, descrevi minha sensação e associações que poderiam ser úteis para uma nova montagem. Procurei ser espontânea, sem me apegar muito a esta ou àquela imagem pelo motivo que fosse. Apenas pretendi encontrar caminhos possíveis para minhas escolhas. Até porque não saberia explicar o porquê da escolha de todas elas, se é que existe mesmo um motivo.

Procurei identificar relações pertinentes na instantaneidade do contato primário com as fotografias na internet e o que elas me transmitiam ao ponto de me influenciarem para criar cenas. Esta análise foi um dado que acreditei ser útil para o trabalho de conhecimento pessoal. Num primeiro momento falei aqui de como elas chegam até minha mente, muitas vezes associadas a efeitos de sentido figurado.

Intuí que pode ser por meio de um olhar triste, um olhar alegre, muito alegre, de muita vida interior, de muita alegria interior. Imagens subjetivas, destas que surgem na amplidão, que causam a sensação de vastidão, de um tempo outro, longínquo, da mente e não da matéria.

A imagem por si tem a tendência de carregar uma informação. Conforme o teor subjetivo, de reflexão, de silêncio, talvez, de acolhimento e de aconchego. Nestas, vejo inúmeras outras interpretações quando vislumbro unidas a mais fragmentos de imagens. Outras, com minha leitura de mundo já faço ao construir uma gravura, independente do que outros observadores farão segundo o repertório de vida deles.

Enfim, quando me coloquei diante da tela do computador, o que vi foram interpretações subjetivas, metáforas para uma criação em xilogravura. Eu senti que meus caminhos trilharam a busca por símbolos

que tivessem a ver com o que vislumbrava construir pela linguagem da incisão na madeira.

Eu procurei figuras que tivessem relação com os agrupamentos que pretendia representar, que me suscitavam interesse, que me instigavam. Eu levei de um lugar a outro, de um contexto a outro procurando soluções gráficas adequadas para isso.

Como o texto visual e a representação são mais uma forma de comunicar, portanto, uma linguagem, eu busco suporte nela a fim de elucidar e gerar sentido ao expectador e vou até o observador justo por este caminho de acesso a sua mente. Refiro-me à metáfora, conceito trabalhado (reconfigurado) por um linguista e um filósofo, George Lakoff e Mark L. Johnson, respectivamente.

As metáforas “funcionam na nossa mente. Embora sejam usadas na linguagem, por qualquer um; desde cedo, elas são ditas por que existem na nossa mente, como meios naturais para estruturar nosso pensamento.” (2007, p. 14).

Refiro-me aqui à Metáfora Conceitual. “Corrente formada por George Lakoff e Mark L. Johnson, tida como a mais influente. Defende que a metáfora é um fenômeno cognitivo (mental) acima de tudo.” (2007, p.15)

Entretanto, “A noção mais antiga de metáfora no Ocidente vem de Aristóteles, do século IV a C..” (2007, p.20). Não foi ele quem criou, mas aquele que organizou, sistematizou a noção acerca da metáfora.

“O nome metáfora e a operação linguística assim designada já vigoravam antes de Aristóteles fazer a primeira sistematização conhecida sobre o tema.” (Traço, letra, escrita: Freud Derrida, Lacan Rego. RJ: 7 Letras, 2006,p.24) (...) “metáfora vem do grego *meta* (além) e *pher* (levar para outro lugar, transportar) é uma figura de linguagem ou tropo (do grego tropo, desvio).” (p. 24). Assim, para Aristóteles “metáfora é o transporte para uma coisa de um nome que designa uma outra coisa, transporte de gênero para espécie, ou de uma espécie para gênero, de espécie para espécie ou segundo a analogia.” (p. 25).

Por isso as relações em sentido figurado com as interações em um contexto de espaço-tempo que quase nem é percebido-sentido pelas pessoas. Por isso, este espaço que se conforma em meu trabalho, não tem uma forma arquitetural precisa, sustentável na representação.

Às vezes é a foto de algum “cartaz” de evento ou de mensagem com escrita verbal vinculada ao texto visual postada no *Facebook* que encontro enquanto navego para retirar o foco do trabalho de pesquisa,

para arejar um pouco, ou mesmo quando confiro mensagens importantes. Essas imagens me instigam pela curiosidade por serem engraçadas, por isso eu as salvo nos meus arquivos pessoais. E nisso percebo como ali também há imagens vinculadas a textos como metáforas criadas pelas propagandas etc..

O mecanismo que aciona a imaginação pode ser qualquer coisa, situação, imagem, cheiro, como já foi descrito aqui. Percebe-se que as experiências da vida que se desconstroem de seu aspecto físico/material na lembrança, se reconstroem num outro instante quando as sensações se misturam. Adquirem nova roupagem, como nas gravuras que monto. E essa associação é feita na mente, como já foi mencionado sobre o conceito de metáfora de Lakoff e Johnson.

A imaginação acaba mesclando-se ao estímulo dos meios fotográficos, cinematográficos, mais que antes, quando tínhamos apenas os livros e o contato humano direto, unicamente, ou quase. Percebi nesta busca, por meus procedimentos, que hoje sonhamos com moldes, me parece, com padrões estipulados pela mídia. Somos formatados com as imagens que povoam o nosso mundo. Nossos sonhos têm modelos padronizados como as montagens/edições feitas em cinema. Somos

preparados para armazenar novos dados/imagens, que nos são sugeridos. Ao menos num olhar mais amplo.

Apesar de não ser, segundo Maffesoli, o imaginário originário da imagem e sim o inverso (MAFFESOLI, 2010), a impressão que tenho é que se torna um ciclo onde estas imagens do cinema, da fotografia geram mais e mais situações imaginativas nas quais nos inserimos. Estamos nos nutrindo desta “sugestão”.

No filme Jesus de Montreal<sup>6</sup>, por exemplo, Daniel, personagem principal e que interpreta Jesus em uma peça de teatro público, na igreja, chega a uma conclusão e recita um trecho relacionado a sua percepção. Algo que ocorre quase no final do filme. Acredita, ele, que as pessoas conseguem viver esta tal felicidade por meio de filmes' ou mesmo do teatro. Isto me pareceu pertinente com a situação contemporânea.

## **2.4 - Das escolhas que fiz (AS GRAVURAS ATUAIS)**

Pensando em algumas opções feitas pelas fotografias, lembro que os pés com as pegadas afundadas na areia (prancha 23) formaram uma das montagens (prancha 18).

---

<sup>6</sup> <http://www.answers.com/topic/jesus-of-montreal>

Em Meditação (prancha 16) a escolha foi por pessoas simbolizando paz, respirando ar puro, em contato com a natureza, etc.

Em Peregrinação (prancha 18) escolhi uma escada qualquer onde estava um senhor sentado num dos degraus (prancha 34, fig. 01). Segui buscando personagens que se moldassem a ideia central para esta representação. Obtive sucesso na busca, pois me deparei com pessoas que caminhavam (prancha 34, fig. 02), outras, senhoras e senhores de terceira idade (prancha 35), que igualmente realizavam um percurso a pé. Sugeriu-me a ideia de peregrinação. Em meu pensar tais indivíduos apresentavam o perfil adequado de quem acredita na força da fé, que “escala” montanhas. Suas posturas reforçam em minha mente sua fé, porém estas pessoas escolhidas e decalcadas destas fotos provavelmente estivessem num outro instante de atuação que não a peregrinação. Na realidade pareciam pessoas de outras religiões em um momento particular.







## **Do Caminho Percorrido**

Neste momento gostaria de realizar minha reflexão final a respeito desta nova caminhada concluída, a pesquisa de Especialização em Artes Visuais.

Foi este um caminho de escolhas, percepções, seleção e análises que me auxiliaram a perceber a importância da experiência do processo e da constante instabilidade na construção do fazer desta escrita e da busca pela abordagem mais significativa neste momento para o conjunto de imagens que concebo. Encontrei nesta que chamo *zona intermediária* de uma criação em artes um caminho inevitável para o meu amadurecimento no campo tendo como única certeza a necessidade de uma maturidade seguindo na realização de pesquisas tanto práticas quanto teóricas.

Realmente um caminho de muitas incertezas, condição que nunca me deixa muito a vontade, mas que provavelmente me encaminha para a nova etapa, uma nova pesquisa, o Mestrado. Este mais um elemento que tem contribuído com os cruzamentos entre um e outro. Um momento intenso e, no entanto, nas representações impressas em gravura, como contraste, se pareceram tão suaves. Contrastes estes apresentados durante todo o percurso.

Mostraram-me, porém possibilidades de realizar uma escrita que se aproxime de minha criação prática. Ainda um caminho a trilhar.

Em relação direta ao trabalho prático, continuo transitando no território da imagem, falando da fotografia, de recorte, da simultaneidade. No trabalho de conclusão do curso de graduação em artes visuais, no ano de 2010, realizei montagens que também ressaltavam a simultaneidade. Esta própria do mundo em que habitamos.

Naquele período da formação acadêmica foram apresentados dois conjuntos de xilogravuras. Aqui, no trabalho mais recente desenvolvido para a Especialização em Poéticas Visuais, a simultaneidade está (se mostra) nas próprias figuras que se repetem. A superfície aqui abriga a simultaneidade de pessoas e situações por meio destas justaposições em relação ao movimento que pode ser vivenciado pela internet que também acolhe esta simultaneidade em um mesmo plano sugerindo ações e agrupamentos no aspecto físico fora dos meios interativos.

Eu comecei querendo falar desta ‘vizinhança’ nas janelas do Windows Messenger dentro de nosso cotidiano este diálogo se ampliou e

chegou aos tantos outros grupos e segmentos que encontramos por aí. E em analogia fiz a aproximação aos agrupamentos de Michel Mafesoli.

Enquanto no TCC me detive pouco em perceber como imagens tinham função fundamental na confecção das gravuras e fiquei mais envolvida em pensar e executar o processo pela montagem, neste momento da Especialização percebi que olhei bem mais para a imagem, que é minha matéria prima, seja ela a que estrutura o meu imaginário (construindo-se e reconstruindo-se constantemente) ou aquelas já materializadas quando encontradas na Web e apropriadas para gerar o banco de dados pessoal.

Percebi que os dois procedimentos, de apropriação e de montagem na prancha, estão interligados, pois as imagens que busco tem o mesmo teor das imagens que uso neste momento em especial para figurar uma ideia.

## Referências

- Aos pés curta metragem encontrado em  
<<http://www.youtube.com/watch?v=GBos-LUcz-U>> Acesso 08/08/2012.
- Blog Lemonade de Eduardo Monteli encontrado em  
<<http://lemonadeeduardomontelli.blogspot.com.br/2011/12/blog-post.html>>  
Em 01/06/2012
- Blog Daniel Acosta encontrado em <<http://daniel-acosta.com/>> acesso em  
17/08/2012.
- Blog olha Jose encontrado em  
<[http://olhajose.blogspot.com.br/2011\\_10\\_01\\_archive.html](http://olhajose.blogspot.com.br/2011_10_01_archive.html)>  
em 22/10/2011
- Edi Behling, X Seminário de História da Arte - Arte e artesanato: uma poética da trama. 2011.
- Filme Jesus de Montreal encontrado em  
<<http://www.answers.com/topic/jesus-of-montreal>>
- MAFFESOLI, **A barbárie em face do humano: as tribos pós-modernas**. In Revista FAMECOS. Porto Alegre . v. 17, p 1-10, n. 1, Janeiro/abril, 2010.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Intermeios, 1ª.ed. 1998.

SANTOS, M. C. dos. **Gravura sobre policarbonato: uma experiência contemporânea**. 2006. 138f. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) – Instituto das Artes, Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo, 2006.

SARDINHA, Rony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

REGO, Claudia de Moraes. **Traço, letra, escrita: Freud Derrida, Lacan**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

WINKS, BUTI, Guilherme, Marco. **Em trânsito: gravuras e esculturas de Alberto Martins**. São Paulo: Estação Pinacoteca, 2007.

## **Anexos**

22.10.11

The little things

Ele não fazia ideia de como uma garota que acabara de conhecer poderia mexer tanto com ele, sem ao menos ter escutado a voz dela uma única vez. Ou simplesmente tê-la olhado nos olhos por mais de alguns segundos. Mas o fato era que, de alguma forma, algo acontecia por dentro, algo ainda indefinido, mas impossível dele se manter indiferente.

Ele seguia sentado, ela a dois bancos a sua frente. O que tinha direito a observar nesse momento era seu cabelo e seu perfil quando se virava pra falar com alguém que conversava. Era o único direito que tinha naquele momento e ele se agarrava a isso.

E ele notou. Notou a cor do seu cabelo, da sua pele, o desenho que seu nariz fazia de perfil. Ele notou muito mais e guardou pra si, junto com os segundos em que teve os olhos dela voltados para os dele.

Olhou em volta e percebeu que tinha que descer. Levantou e se dirigiu até a porta esperando o ônibus parar. Ao descer encarou-a, achava ele que pela última vez e talvez fosse mesmo, e ela o encarou de volta, com um sorriso talvez. Era incerto, mas ela tinha olhado, talvez até com a



mesma intensidade ou ele estava delirando.. Não importa, ele acabara de descer e o ônibus seguia seu caminho, com aquela garota dentro. Uma segunda vez? Quem sabe.



Prancha 01 – imagem utilizada para representação de ambientes interativos



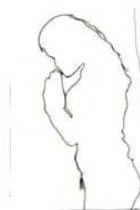
No Frevo



Em Chula 1 e 2

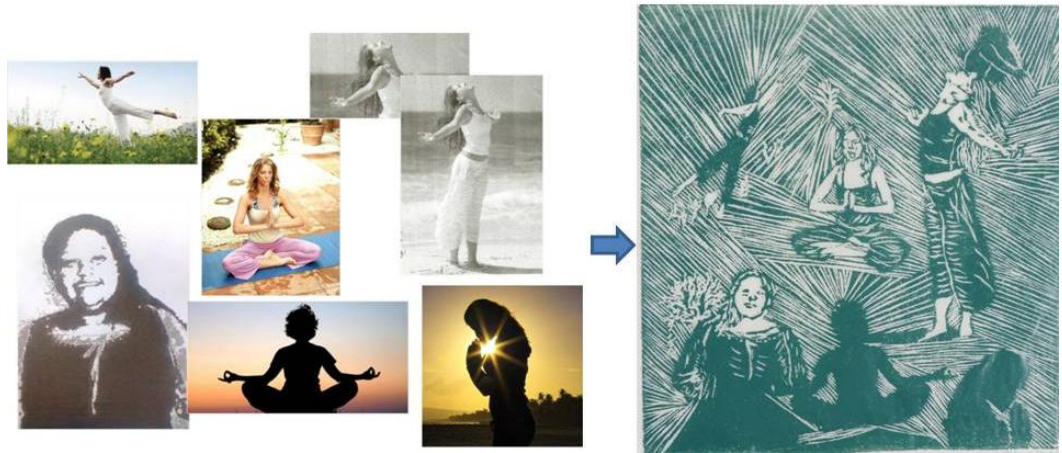


Em Meditação



Em Peregrinação

Prancha 02 – coleta de imagem



Prancha 03 – seleção de imagens

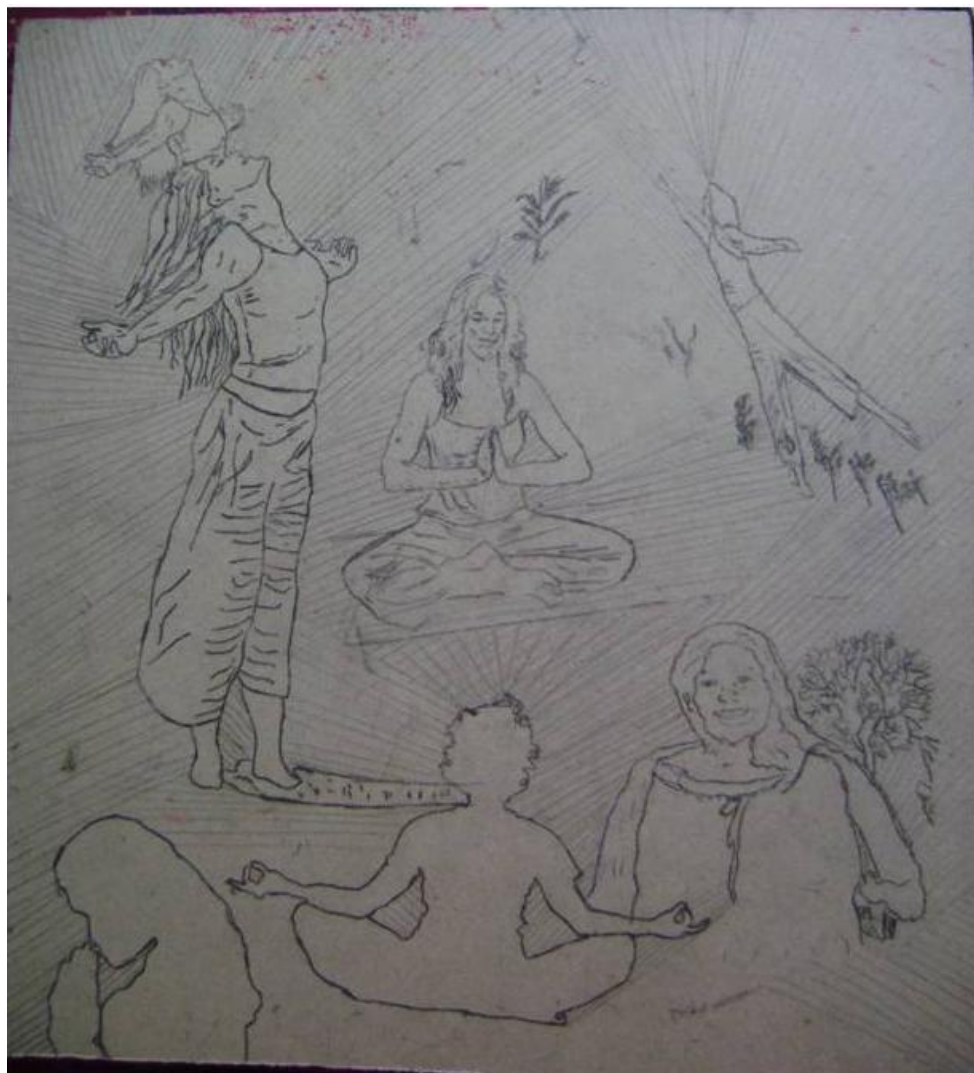


Prancha 04 – adaptação da foto para “desenho”

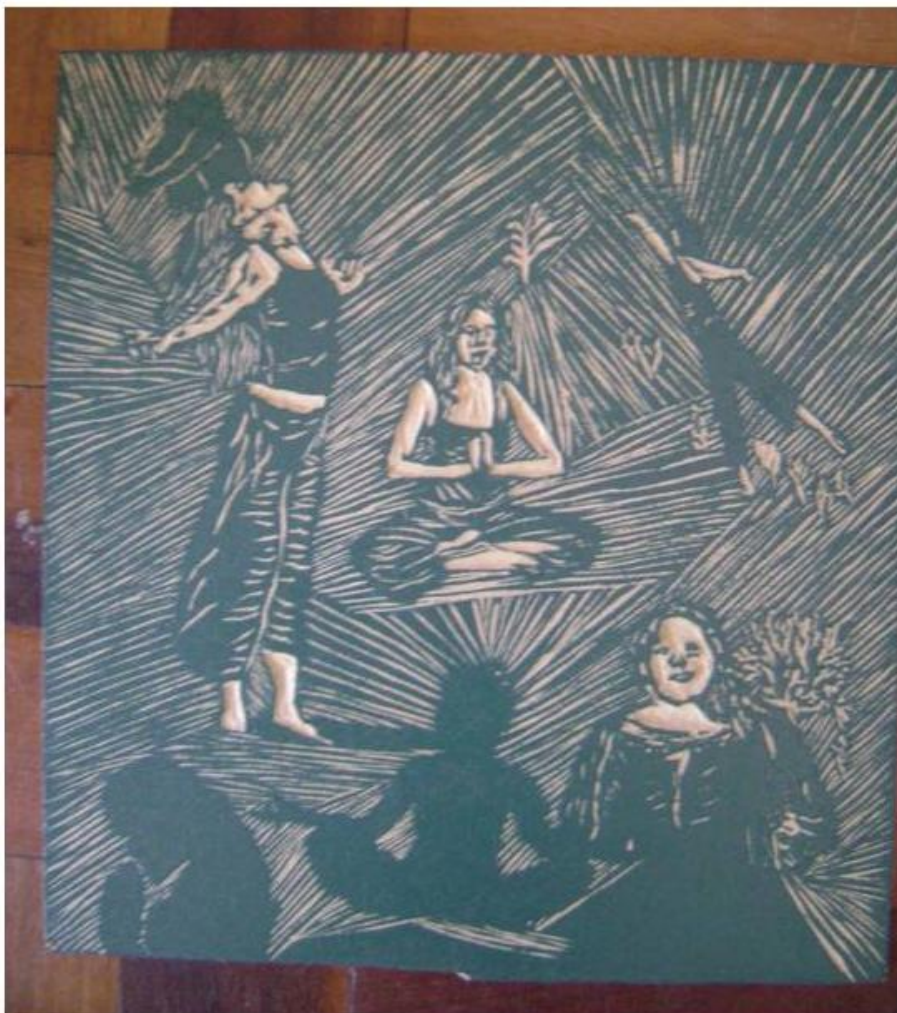


Prancha 05 - montagem





Prancha 06 – transferência para a matriz



Prancha 07 - Incisão



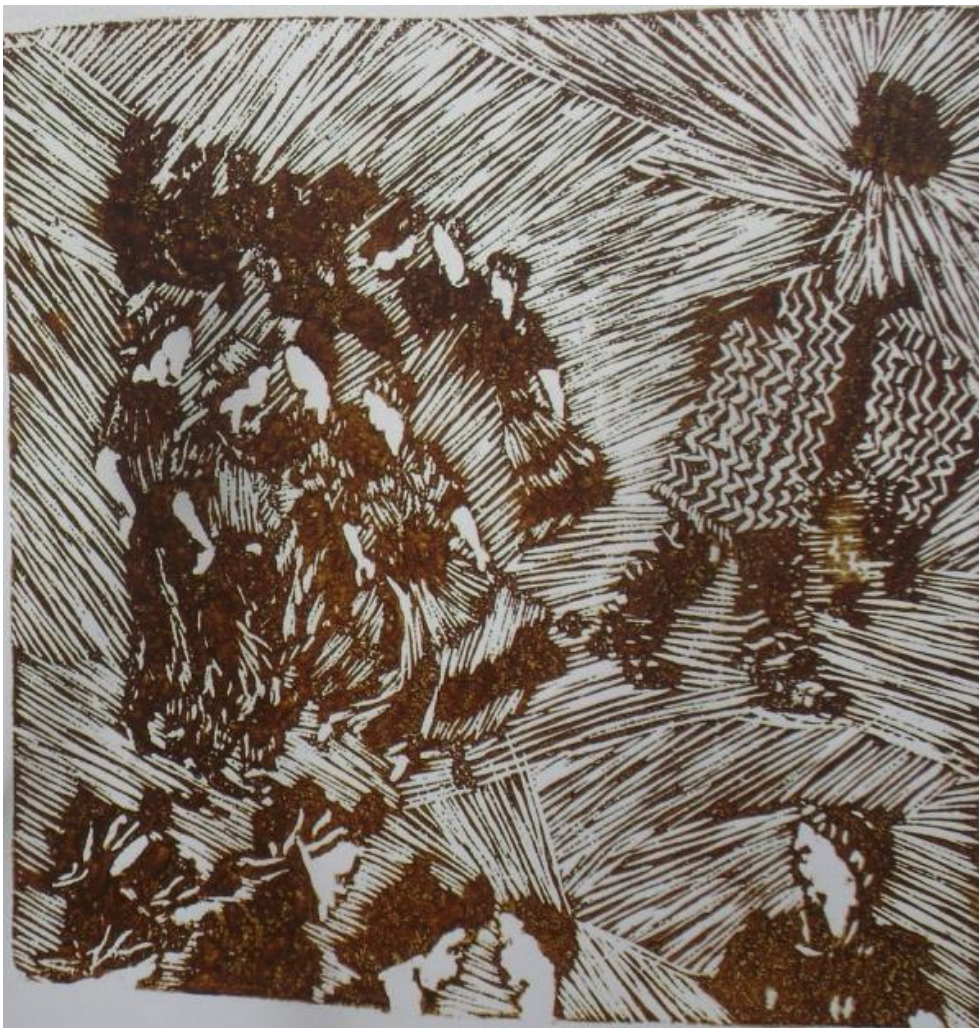


Prancha 08 – Frevo



Prancha 09 – Ouve-se o Mar



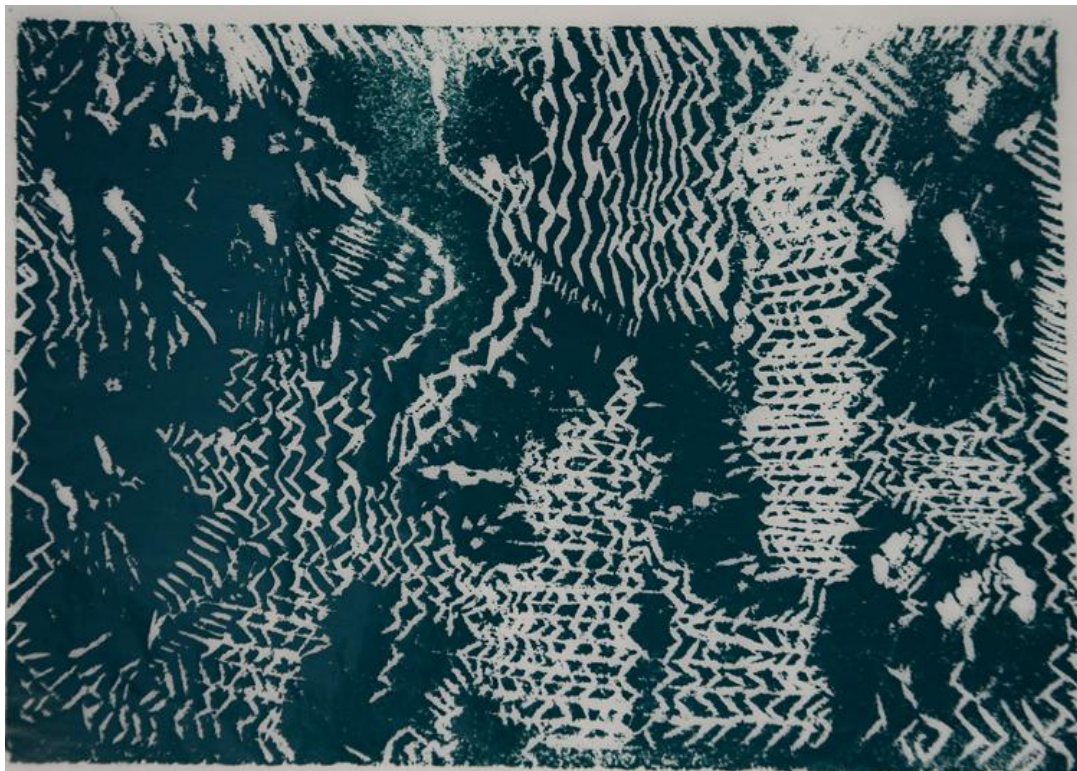


Prancha 10 – Tradição

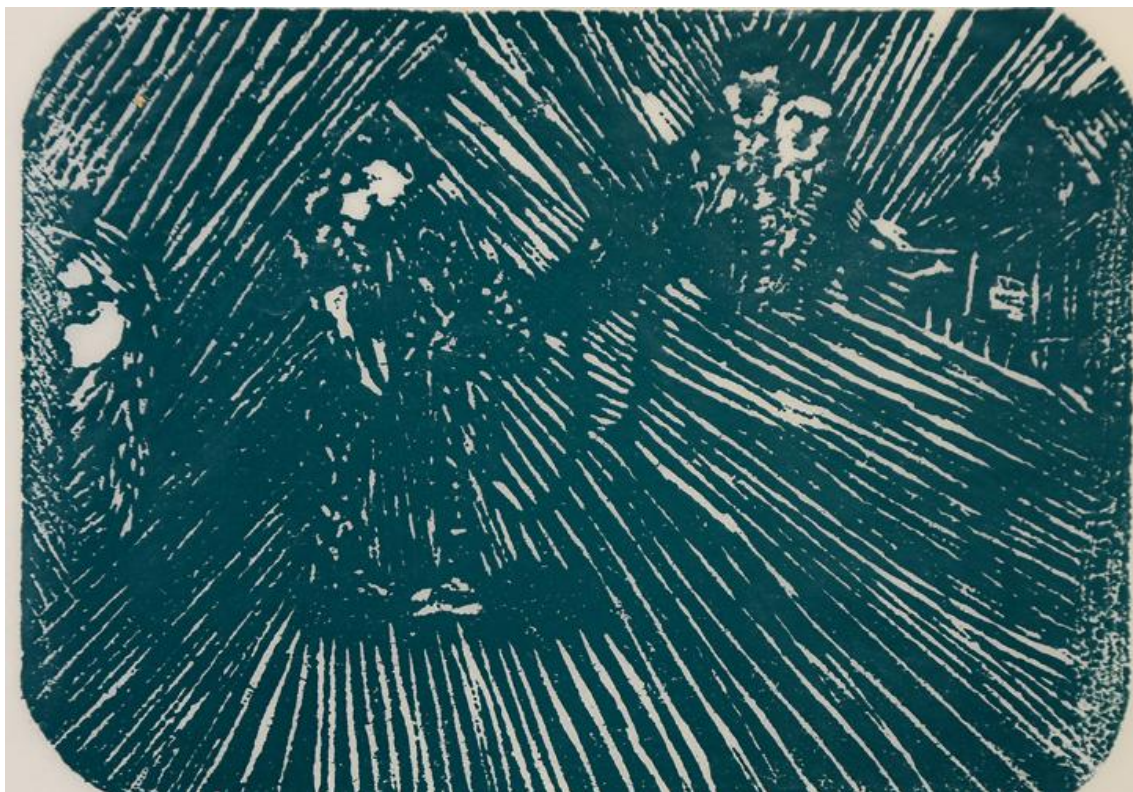


Prancha 11 – Chula 1

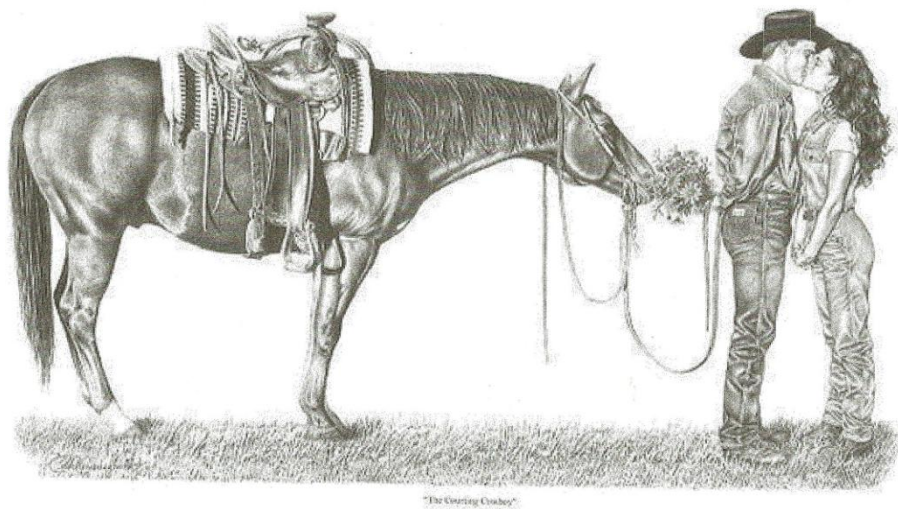




Prancha 12 – Chula 2



Prancha 13 – Grupos Afetivos



Prancha 14 – casal com o cavalo





Prancha 15 – Muitos ‘eu’s”





Prancha 16 - Meditação



Figura 01



Figura 02

Prancha 17



Prancha 18 - Peregrinação





Prancha 19 – Terceira Idade



Figura 01



Figura 02

Prancha 20



Figura 01



Figura 02

Prancha 21



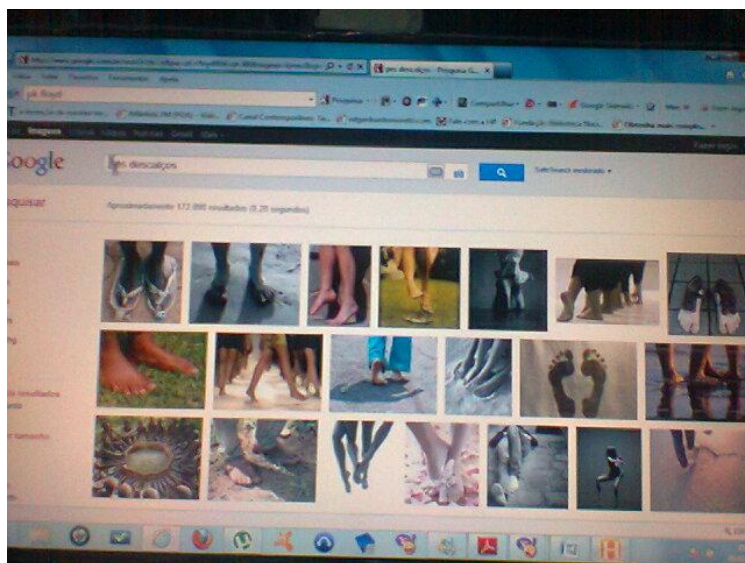


Figura 01



Figura 02

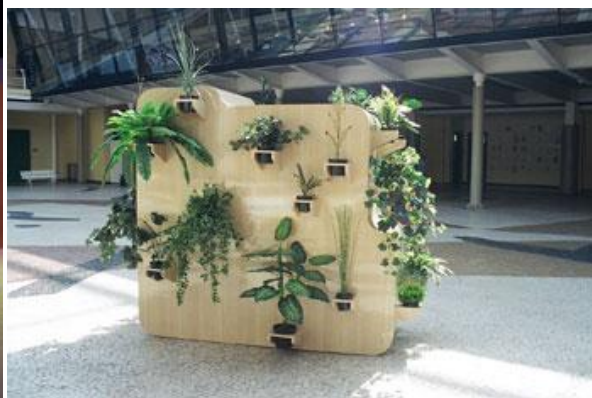


Figura 03

Prancha 22



Prancha 23





Figura 01



Figura 02

Prancha 24



Figura 01

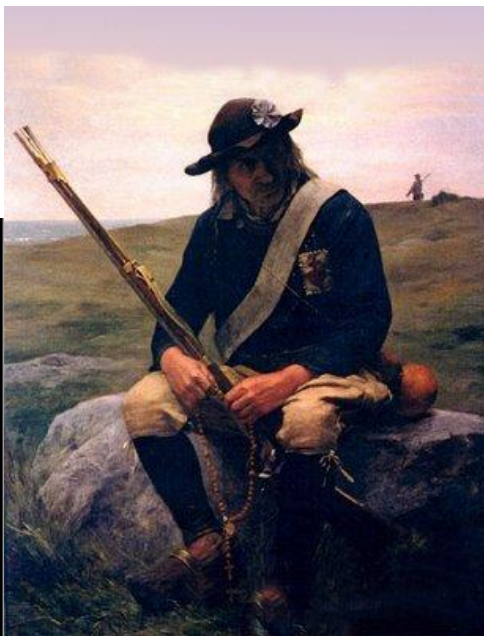


Figura 02



Figura 01



Figura 02



Figura 01



Figura 02

Prancha 27



Figura 01



Figura 02

Prancha 28



Figura 01



Figura 02



Figura 01



Figura 02



Figura 01



Figura 02



Figura 03

Prancha 31





figura 01



Figura 02

Prancha 32



Prancha 33

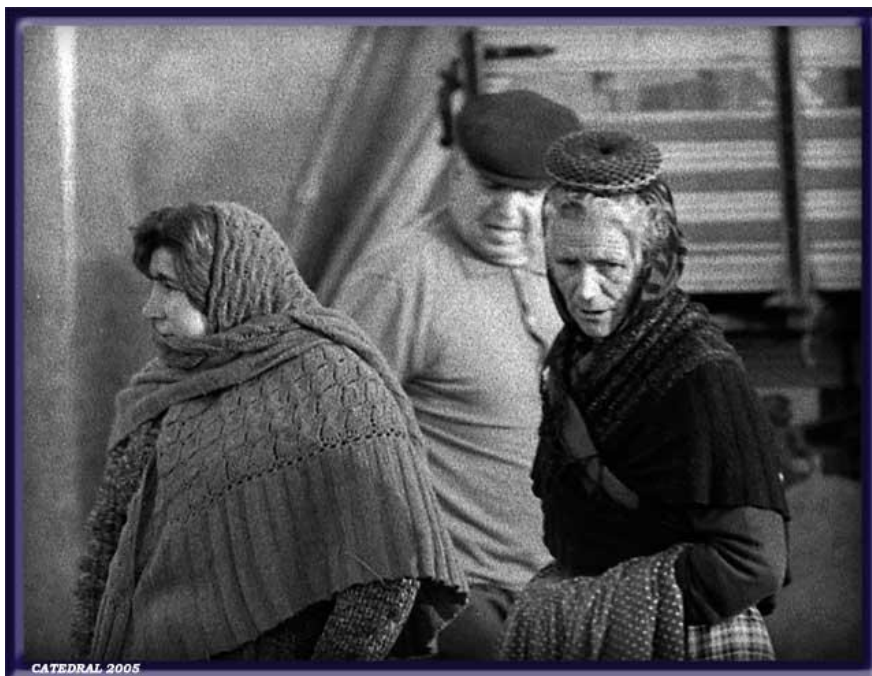


Figura 01



Figura 02

Prancha 34



Prancha 35